



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual: as donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital para o YouTube Brasil (2020-2024)

Maria do Carmo Gonçalves da Nóbrega Rangel

**João Pessoa - PB
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria do Carmo Gonçalves da Nóbrega Rangel

Entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual: as donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital para o YouTube Brasil (2020-2024)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração História e Cultura Histórica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Maria Veiga
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

João Pessoa - PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R196e Rangel, Maria do Carmo Gonçalves da Nóbrega.

Entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual : as donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital para o YouTube Brasil (2020 - 2024) / Maria do Carmo Gonçalves da Nóbrega Rangel. - João Pessoa, 2024.

90 f. : il.

Orientação: Ana Maria Veiga.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Mulheres - YouTube. 2. Trabalho virtual. 3. Trabalho doméstico. I. Veiga, Ana Maria. II. Título.

UFPB/BC

CDU 004-005.2(81)(043)

Entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual: as donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital para o YouTube Brasil (2020-2024)

Maria do Carmo Gonçalves da Nóbrega Rangel

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração História e Cultura Histórica.

Avaliada em 16 de agosto de 2024

Banca Examinadora



Profª. Dra. Ana Maria Veiga (Orientadora - PPGH/UFPB)



Profª. Dra. Ana Beatriz Ribeiro Barros Silva (Examinadora interna - PPGH/UFPB)



Profª. Dra. Flávia Pereira Machado (Examinadora externa - IFG)

Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira (Suplente interno - PPGH/UFPB)

Profª. Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Suplente externa – DH/UFCG)

Aos meus queridos pais, Nicanor e Teresinha (In Memoriam).

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

Agradeço a orientação atenta e acolhedora da professora Ana Maria Veiga.

À professora Ana Beatriz Ribeiro Barros Silva por sua contribuição neste trabalho.

Aos meus filhos Tainá e Tales, e ao meu companheiro Suélcio, obrigada pelo apoio e incentivo.

E não poderia deixar de agradecer também às donas de casa *youtubers*, Marina Gil, Natália Ingraci, Aline de Paula, Ana Carla Barbieri, Lilian Souza, Aline Rodrigues, Letícia Veloso e Fernanda Cordioli, por possibilitarem essa pesquisa através de seu trabalho no *YouTube*.

RESUMO

No atual contexto da flexibilização do trabalho e da expansão do trabalho virtual, muitas mulheres têm transformado sua rotina doméstica em conteúdo digital para a plataforma de vídeos YouTube Brasil. O YouTube viabiliza a monetização dos canais através de um programa de parceria com os anunciantes da plataforma, possibilitando a geração de receitas para os criadores de conteúdo. E é dessa forma que tem crescido cada vez mais o número de donas de casa que vêm criando seus canais, em busca de visibilidade e remuneração pelo seu trabalho doméstico através da plataforma digital. O presente estudo se propõe a investigar as relações de trabalho que se constituem com a imbricação entre as atividades domésticas dessas donas de casa e a produção de vídeos para o *YouTube*, buscando identificar as fronteiras entre o trabalho remunerado e o trabalho não pago. Discorre-se acerca de como o trabalho dessas mulheres é reapropriado pelo mercado capitalista por meio da plataforma digital. Também busca-se identificar como os marcadores de gênero, raça e classe social atuam, conformando possibilidades na trajetória dessas mulheres. E ainda, avaliar se a exposição (no *YouTube*) da rotina dessas donas de casa contribui para a valorização do trabalho doméstico e/ou para a manutenção dos papéis de gênero. O estudo foi realizado a partir da observação dos canais selecionados. A pesquisa tem como método de análise o materialismo histórico e, mais especificamente, parte dos estudos da teoria da reprodução social, numa perspectiva da “história das mulheres” conectada com a classe trabalhadora. Para compreender como as intersecções entre as categorias de exploração e opressão atuam na vida das mulheres, utilizo o conceito de interseccionalidade. E para ampliar a pesquisa sobre o trabalho das donas de casa conectado às novas formas de trabalho digital, recorro às análises de Ricardo Antunes e Lucas Hertzog, sobre o trabalho nas plataformas digitais, sobretudo, no *YouTube*. A partir da observação da dinâmica de trabalho mostrada nos vídeos, chegou-se à conclusão que a imbricação entre as atividades domésticas das donas de casa e a produção de conteúdo para a plataforma digital *YouTube* Brasil vêm amplificando o trabalho dessas mulheres, visto que, com essas atividades sendo realizadas simultaneamente, as fronteiras entre o trabalho doméstico e o trabalho digital se diluem, assim como também se fundem o tempo de trabalho e o tempo de vida na dinâmica entre o real e o virtual. Entretanto, essa oportunidade que se apresenta a essas trabalhadoras, de serem remuneradas através de uma atividade anteriormente excluída da valoração econômica, no contexto do trabalho doméstico não remunerado, se constitui numa possibilidade de efetivação da autonomia financeira dessas sujeitas.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Trabalho virtual; Mulheres; Donas de casa; YouTube.

ABSTRACT

In the current context of flexible work and the expansion of virtual work, many women have transformed their domestic routine into digital content for the video platform YouTube Brasil. YouTube enables channel monetization through a partnership program with the platform's advertisers, enabling revenue generation for content creators. And this is how the number of housewives who have been creating their channels has grown increasingly, in search of visibility and remuneration for their domestic work through the digital platform. The present study aims to investigate the work relationships that are constituted by the overlap between the domestic activities of these housewives and the production of videos for YouTube, seeking to identify the boundaries between paid work and unpaid work. It discusses how the work of these women is reappropriated by the capitalist market through the digital platform. We also seek to identify how markers of gender, race and social class act, shaping possibilities in the trajectory of these women. Furthermore, evaluate whether the exposure (on YouTube) of the routine of these housewives contributes to the valorization of domestic work and/or to the maintenance of gender roles. The study was carried out by observing the selected channels. The research method of analysis is historical materialism and, more specifically, part of the studies of the theory of social reproduction, from a perspective of "women's history" connected with the working class. To understand how the intersections between the categories of exploitation and oppression operate in women's lives, I use the concept of intersectionality. And to expand the research on the work of housewives connected to new forms of digital work, I turn to the analyzes by Ricardo Antunes and Lucas Hertzog, on work on digital platforms, especially YouTube. From the observation of the work dynamics shown in the videos, it was concluded that the overlap between the domestic activities of housewives and the production of content for the digital platform YouTube Brasil has been amplifying the work of these women, since, with these activities being carried out simultaneously, the boundaries between domestic work and digital work are blurred, just as working time and life time merge in the dynamics between the real and the virtual. However, this opportunity presented to these workers, to be remunerated through an activity previously excluded from economic valuation, in the context of unpaid domestic work, constitutes a possibility of realizing the financial autonomy of these subjects.

Keywords: Housework; Virtual work; Women; Housewives; YouTube.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. TRABALHO DOMÉSTICO, GÊNERO E OPRESSÕES.....	18
2.1 Produção e reprodução social: uma relação de subordinação.....	18
2.2 Opressões cruzadas: gênero, raça e classe.....	24
2.3 Mulheres e trabalho doméstico: múltiplas experiências, diferentes relações.....	29
2.3.1 Socializando o trabalho doméstico.....	29
2.3.2 “Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não pago”.....	31
3. FAXINA E FALA	34
3.1 Donas de casa no YouTube.....	40
3.2 Entre o trabalho remunerado e trabalho não pago.....	41
3.2.1 Mari Gil.....	42
3.2.2 Casa da Nat.....	49
3.3 Diferenças e posições desiguais entre as mulheres.....	56
3.3.1 Aline Baiana.....	56
3.3.2 Lar da Ana.....	61
3.3.3 Lilian mãe de 3 meninos.....	66
3.3.4 Aline vida de Mãe.....	70
3.4 “Amo ser dona de casa”.....	74
3.4.1 Letícia Veloso.....	75
3.4.2 Fernanda Cordioli.....	80
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
6. SITES CONSULTADOS.....	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vídeo do canal Mari Gil.....	45
Figura 2 - Vídeo do canal Casa da Nat.....	49
Figura 3 - Vídeo do canal Mari Gil.....	54
Figura 4 - Vídeo do canal Letícia Veloso.....	55
Figura 5 - Vídeo do canal Aline Baiana.....	57
Figura 6 - Vídeo do canal Lar da Ana.....	62
Figura 7 - Vídeo do canal Lilian mãe de 3 meninos.....	68
Figura 8 - Vídeo do canal Aline vida de Mãe.....	71
Figura 9 - Vídeo do canal Letícia Veloso.....	77
Figura 10 - Print de comentários de vídeo do canal Letícia Veloso.....	79
Figura 11 - Vídeo do canal Fernanda Cordioli.....	80

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabelas

Tabela 1 - Dados de pesquisa do IBGE-PNAD: Afazeres domésticos.....	47
Tabela 2 - Dados de pesquisa do IBGE-PNAD: Trabalhadoras Domésticas.....	60
Tabela 3 - Dados de pesquisa do IBGE-PNAD: Famílias chefiadas por mulheres.....	65
Tabela 4 - Dados de pesquisa do IBGE-PNAD: Dist. por raça/cor e renda familiar.....	64

Quadros

Quadro 1 - Análise do canal @Maridocelar	48
Quadro 2 - Análise do canal @Alinebaiana.....	50
Quadro 3 - Análise do canal @CasadaNat.....	58
Quadro 4 - Análise do canal @Lar da Ana.....	63
Quadro 5 - Análise do canal @Lilian mãe de 3 meninos.....	69
Quadro 6 - Análise do canal @Aline vida de Mãe.....	72
Quadro 7 - Análise do canal @Letícia Veloso.....	76
Quadro 8 - Análise do canal @Fernanda Cordioli.....	81

1. INTRODUÇÃO

O trabalho doméstico foi historicamente caracterizado como competência das mulheres. A divisão sexual do trabalho, sempre presente nas sociedades patriarcais, atribuiu a elas a responsabilidade por todo o trabalho de cuidado e pelas tarefas de manutenção da vida cotidiana. Com o desenvolvimento do sistema capitalista, essas atividades, anteriormente inseridas no contexto da unidade produtiva familiar, foram separadas das atividades produtivas para o mercado, resultando numa divisão entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo. De acordo com Silvia Federici (2019), o capitalismo se apropriou do trabalho não remunerado realizado pelas mulheres para atender a uma demanda pela diminuição dos custos do trabalho assalariado, isentando assim, o empregador, dos custos com o trabalho reprodutivo. Esse trabalho, que inclui as tarefas domésticas e todo o trabalho de cuidado e educação das crianças, o cuidado com os doentes e idosos, enfim, uma gama de atividades fundamentais para a manutenção da vida, passou a ser sistematicamente desvalorizado, naturalizado e invisibilizado, reconfigurando o papel das mulheres na família e na sociedade.

Atualmente, a concepção e a vivência dos papéis de gênero têm se alterado significativamente, mas a responsabilização desigual pelo trabalho doméstico não foi superada com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Conforme demonstram os dados recentes de uma pesquisa realizada pela *Oxfam Brasil*¹, que mostra que o trabalho doméstico realizado de maneira informal pelas famílias, em 85% dos casos, continua sendo feito por mulheres, evidenciando que o acesso ao trabalho assalariado não significa necessariamente a “libertação” das mulheres desse lugar de domesticidade, e que muitas vezes elas estão submetidas a duplas ou triplas jornadas de trabalho. Essa relação, historicamente construída, entre mulher e domesticidade estabeleceu posições distintas para homens e mulheres, definindo os espaços público e privado (doméstico). Entretanto, as mulheres compreenderam que um objetivo estratégico para superar a submissão está na distinção entre trabalho remunerado e não remunerado. E, em suas múltiplas experiências e diferentes relações, empreenderam diversos movimentos na tentativa de ressignificar o trabalho doméstico, entre esses, podemos destacar as políticas de socialização do trabalho doméstico que foram elaboradas pelas revolucionárias russas e implementadas pelo governo bolchevique nos anos iniciais da Revolução Russa (1917), pois elas defendiam que a efetivação desses serviços através do Estado iria liberar as mulheres do trabalho não

¹Ver em Tempo de Cuidar. *Oxfam Brasil*, 2020. Disponível em [Tempo de Cuidar | Oxfam Brasil](#). Acesso em 01/05/2022.

remunerado dentro da família. Pois, enquanto o movimento de mulheres, denominado posteriormente como “feminismo burguês”, lutava contra a desigualdade de direitos formais, reivindicando igual direito ao sufrágio, as mulheres socialistas entendiam que o direito ao voto e toda a legislação que lhes assegurava direitos e liberdade de pouco adiantaria se elas continuassem sendo as únicas responsabilizadas pelas atividades domésticas no âmbito familiar. Destaco também a campanha internacional por salários para o trabalho doméstico, que teve início em 1972, na Itália, formada por mulheres da Itália, da França e dos Estados Unidos, e que reivindicava que o Estado reconhecesse o trabalho doméstico como trabalho, ou seja, uma atividade que deveria ser remunerada; e as lutas das empregadas domésticas no Brasil por direitos trabalhistas, e a resistência da classe empregadora. Explanarei essas lutas mais detalhadamente no decorrer do texto.

As lutas das mulheres também se inscrevem nos processos de resistência cotidiana, mesmo que essa perspectiva se apresente como uma tentativa de inclusão numa ordem já existente. Destarte, no atual contexto de flexibilização do trabalho, onde se entrecruzam as fronteiras entre a esfera pública e a esfera privada, entre o trabalho regulamentado e a informalidade, rearticulando novas relações de trabalho, surge uma nova modalidade de trabalho que também se conecta com o trabalho doméstico. São as donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital para a plataforma de vídeos YouTube Brasil, e esse processo é o objeto central da reflexão proposta nesta dissertação, que traz essas donas de casa como novas sujeitas protagonistas para a História, e os seus canais no YouTube como fontes digitais para o desenvolvimento de estudos sobre o trabalho virtual.

O YouTube viabiliza a monetização dos canais através de um programa de parceria com os anunciantes da plataforma, possibilitando a geração de receitas para os criadores e as criadoras de conteúdo. E é dessa forma que tem crescido cada vez mais o número de mulheres que vêm criando seus canais, trazendo visibilidade ao trabalho das donas de casa e conquistando uma remuneração a partir de suas atividades através do YouTube.

O presente estudo tem por objetivo, investigar as relações de trabalho que se estabelecem a partir dessa imbricação entre as atividades domésticas e a produção de vídeos para o YouTube. A discussão sobre as relações de trabalho que se dão nos espaços definidos como privados ou domésticos e a produção de conhecimento sobre essa temática é significativa para o debate sobre questões como a divisão sexual do trabalho e como esta incide sobre as mulheres conectadas com a posição de classe e com o racismo estrutural na sociedade, promovendo padrões cruzados de opressões. As novas relações que se estabelecem nos espaços de trabalho digital também se constituem como importante tema de análise. O

trabalho mediado por plataformas digitais já é uma realidade em nossa sociedade. O YouTube é o segundo site mais acessado no mundo e a maior plataforma de vídeos compartilhados, e o Brasil está na 3ª posição em número de usuários (83 milhões)². Conforme o sociólogo Ricardo Antunes (2018), nós estamos presenciando, simultaneamente, tanto a expansão do trabalho virtual quanto a ampliação do trabalho manual. Antunes se refere à imbricação indissolúvel entre as atividades no universo virtual e os processos de produção dos computadores, celulares, e toda a infraestrutura material, sem a qual a internet não poderia existir, mas que, aqui, podemos acrescentar a figura da dona de casa, reconceitualizada como produtora de conteúdo digital, mas que também executa toda a carga das atividades manuais, numa dupla, às vezes tripla, jornada de trabalho.

A pesquisa terá como método de análise o materialismo histórico proposto por Marx e Engels (1979) e, mais especificamente, a partir dos estudos da teoria da reprodução social, numa perspectiva da “história das mulheres” conectada com a classe trabalhadora. Para compreender como as intersecções entre as categorias de exploração e opressão atuam na vida das mulheres, utilizo o conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 1989; 2002). E para ampliar a pesquisa sobre o trabalho das donas de casa conectado às novas formas de trabalho virtual, recorro aos estudos do sociólogo do trabalho, Ricardo Antunes, sobre o trabalho nas plataformas digitais. Em sua obra intitulada *O Privilégio da Servidão*, Antunes (2018) apresentou um estudo detalhado das mudanças trabalhistas que se desenvolvem a partir da flexibilização do trabalho e da expansão do trabalho digital. Posteriormente, ele também coordenou a obra, *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0 (2020)*, que reúne estudos sobre o trabalho nas plataformas digitais. Para investigar as relações de trabalho, precisamente no YouTube, recorro à pesquisa de Lucas Hertzog (2019), que em sua tese de doutorado traz uma análise de como acontece o processo de plataformização do trabalho dentro do YouTube, e como essa dinâmica acentua profundamente a precarização das relações trabalhistas. E vou buscar, nessas análises, apontamentos que auxiliem na pesquisa proposta.

A escolha das fontes a serem submetidas à análise se deu a partir do meu anseio de pesquisar sobre o trabalho doméstico das donas de casa e até então a intenção da temática da pesquisa se encerrava nesta categoria de trabalho. Entretanto, selecionando as fontes documentais a serem utilizadas na pesquisa, ainda na fase de construção do projeto, me deparei com os canais no YouTube de donas de casa que gravavam sua rotina doméstica. A descoberta dos canais se deu no período pandêmico da COVID-19, momento em que houve

² Ver em Quantas pessoas usam o Youtube em 2021 [Novos dados]. *Affde*, 2021. Disponível em: <https://www.affde.com/pt/youtube-users.html> Acesso em 10/01/2022.

um aumento excepcional no acesso e na utilização das mídias digitais. Ao me deparar com o conteúdo dos vídeos, eu enxerguei nessa amostragem uma parte representativa do universo da pesquisa e decidi utilizar o conteúdo dos canais como fonte primária. Daí a conexão da minha pesquisa do trabalho doméstico com o trabalho virtual.

Embora, desde o ano de 2020, eu acompanhe esses canais no YouTube, foi somente a partir de março de 2022 que dei início a uma observação sistematizada dos vídeos, assistindo, em média, a três vídeos diariamente. Os vídeos possuem uma duração média de 30 a 40 minutos, totalizando 90 a 120 minutos de horas assistidas por dia. E, a partir dessa observação, foi possível selecionar os temas que apareciam e se repetiam com frequência nos vídeos, temas estes que apontavam para as questões elencadas nos objetivos propostos na pesquisa. Inicialmente, ainda na fase do projeto, selecionei quatro canais para a análise, mas tendo em vista a complexidade das temáticas abordadas e dos limites de interpretar a realidade social a partir de um recorte específico, estendi a análise para oito canais. As reflexões propostas aqui trazem como ponto de partida a literatura mobilizada na fundamentação teórico-metodológica e na produção historiográfica sobre o tema, buscando na empiria indicadores que auxiliem na compreensão do contexto social investigado, entendendo que esse conteúdo é uma representação da realidade, e por isso, faz-se necessário depreender os significados e os sentidos das mensagens para além de uma leitura comum (Cardoso, 2021).

No capítulo, “Trabalho Doméstico, Gênero e Opressões”, faço a discussão sobre a divisão sexual do trabalho apresentando uma síntese das concepções teóricas fundamentais que orientam as discussões relacionadas ao trabalho doméstico a partir da perspectiva marxista-feminista da reprodução social. Faço também uma apresentação do conceito de interseccionalidade, situando sua construção epistemológica fundamentada nos feminismos negros para compreender a dimensão racializada incorporada ao trabalho doméstico. Destaco ainda nesse capítulo a experiência de socialização do trabalho doméstico na Rússia soviética e a campanha por salários para o trabalho doméstico, nos EUA e em alguns países da Europa, como movimentos relevantes pelo reconhecimento do trabalho doméstico como uma categoria do trabalho. Bem como a luta das trabalhadoras domésticas no Brasil, pela equiparação de seus direitos trabalhistas.

No capítulo intitulado “Faxina e Fala”, busquei desenvolver uma reflexão sobre o trabalho virtual, a partir do advento do YouTube como novo espaço de trabalho. E como já citado, utilizei a pesquisa de Hertzog (2019) para auxiliar na compreensão das relações de trabalho na plataforma de vídeos. Trago também para a discussão a análise de Ricardo

Antunes, que aponta esse universo laborativo como uma nova dimensão do mundo do trabalho precarizado, em que cada vez mais a regulamentação vem sendo substituída pela informalidade, acionando categorias ideológicas para ocultar novas formas de trabalho assalariado. Em seguida, trago uma breve apresentação da história de vida dessas mulheres, buscando a articulação entre a história individual e a história coletiva (Moretti, 2021). A escolha desse método qualitativo busca estabelecer uma conexão entre suas trajetórias individuais e a trajetória como grupo, e trazer à tona informações que auxiliem na compreensão dos aspectos subjetivos dessas sujeitas em relação às temáticas analisadas.

A partir da análise dos vídeos, busco compreender como se constituem as fronteiras entre o trabalho remunerado e o trabalho não pago nessas relações laborais, bem como identificar de que maneira o trabalho dessas mulheres é reapropriado pelo mercado capitalista através da plataforma digital. Também busquei relacionar como os marcadores de gênero, raça e classe social, atuam, conformando possibilidades na trajetória dessas mulheres. E, ainda, avaliar se a exposição (no YouTube) da rotina dessas donas de casa contribui para a valorização do trabalho doméstico e/ou para a manutenção dos papéis de gênero.

A observação do canal “Mari Gil” me direcionou para a análise da relação com a publicidade, buscando identificar quais critérios eram apontados na escolha das donas de casa, pelos anunciantes, que representariam seus produtos. Já neste canal foi possível observar também, como a ideia de empreendedorismo é introjetada nas suas falas, sempre buscando promover o trabalho na plataforma como uma possibilidade concreta de ganhos financeiros. Seguindo com a análise da relação com as marcas e a ideia de empreendedorismo, acrescentei o canal “Nat Ingraci”, onde observei que o seu conteúdo trata, majoritariamente, da demonstração de algum produto combinado com o discurso de como conquistou sua independência financeira através do trabalho na plataforma virtual.

Na análise do canal “Letícia Veloso”, foi possível constatar a promoção do modelo ideal da dona de casa, mãe e esposa que se dedica exclusivamente à família e às tarefas domésticas. Busquei também nessa análise, discutir sobre as nuances tanto da desvalorização do papel da dona de casa como da atribuição desse papel às mulheres, identificando a influência da religião na promoção desse modelo. E neste ponto incluí o canal “Fernanda Cordioli”, pois em ambos os canais foi possível observar esse padrão mais acentuadamente.

No canal “Aline Baiana” foi possível comprovar como os marcadores de raça se entrelaçam às opressões das mulheres, aprofundando as desigualdades entre elas. E esta evidência se estendeu ao canal “Lilian mãe de 3 meninos”, expondo outros desafios como renda e chefia familiar. Trazendo também neste ponto, dados de pesquisas quantitativas que

comprovam que o número de mulheres chefes de família é maior entre as mulheres negras do que entre as brancas. No entanto, a renda das mulheres negras é menor do que a de mulheres brancas. Nos canais “Lar da Ana” e “Aline vida de mãe”, sobressaíram-se os desafios da maternidade na adolescência e da maternagem solo, corroborando a atribuição do cuidado majoritariamente às mulheres.

Quero registrar, também, como a escolha dessa temática foi sendo construída ao longo da minha formação acadêmica. O exercício do trabalho doméstico não remunerado dentro de casa e as formas de dependência que ele pode constituir, também se refletiram na descontinuidade da minha trajetória acadêmica anterior ao curso de História. Embora as mulheres da minha geração já fossem incentivadas a buscar uma carreira acadêmica, graças às lutas de uma geração de mulheres antes de nós, o papel das mulheres como esposas, mães e donas de casa mantinha-se estabelecido e internalizado. Eu estava cursando Psicologia quando me casei e me tornei mãe, e, como frisou Biroli (2017), a atribuição das responsabilidades na vida cotidiana, organizadas pela divisão sexual do trabalho doméstico, pode coibir a atuação em outras esferas. Meu marido foi trabalhar em outra cidade e eu tive que abandonar o curso, para dar conta do cotidiano. Alguns anos depois desse hiato no meu percurso universitário, ingressei no curso de História, e fui desenvolvendo um interesse particular sobre a “história das mulheres”. Esse interesse se refletiu na escolha do tema do meu TCC (Trabalho de Conclusão do Curso), que enfatizou a participação das mulheres na Revolução Russa, que, entre outras conquistas políticas e sociais resultantes de suas lutas, socializaram o trabalho doméstico naquela sociedade. A vivência como dona de casa e a compreensão de como esse trabalho não remunerado, juntamente com toda a construção ideológica que o atravessa, se reflete na dependência das mulheres, me impeliram a investigar as raízes históricas e os fundamentos materiais da divisão sexual do trabalho; e entender que, a desvalorização do papel da dona de casa é tanto um problema quanto o é sua idealização. Pois, referenciando Evaristo (2016, p. 7), “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas.”

A minha participação em grupos de estudos e pesquisas, como o GEPEHTO-UFPB (Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Trabalho) e o grupo de pesquisas PROJETAH-História da Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões, contribuiu de maneira substancial para a ampliação e o aprofundamento nas temáticas sobre história do trabalho, gênero e interseccionalidades, e é a partir dessas perspectivas que busco desenvolver esse estudo.

2. TRABALHO DOMÉSTICO, GÊNERO E OPRESSÕES

As pesquisas sobre trabalho e gênero compartilham o entendimento de que a divisão sexual do trabalho está no centro das formas de exploração que definem a opressão de gênero. Neste capítulo, busco compreender as origens históricas e as bases materiais da exploração do trabalho das mulheres, bem como, a correlação entre o trabalho doméstico não remunerado e a sua forma remunerada. Para isso, recorro às abordagens teóricas que se tornaram referência nessas discussões, partindo dos estudos marxistas sobre a estrutura da reprodução social, na qual está inserido o trabalho doméstico, e articulando a compreensão das dimensões generificada e racializada que atravessam essas relações. Destaco também as lutas das mulheres, ao longo do processo histórico contemporâneo, nos diversos espaços, em diferentes contextos sociais, nas múltiplas relações vivenciadas a partir dessa categoria de trabalho. Dentre essas, a experiência de socialização do trabalho doméstico nos primeiros anos da Revolução Russa sob o governo bolchevique de Lênin (Schneider, 2017). Ressalto também a luta das mulheres numa campanha internacional por salários para o trabalho doméstico que teve início em 1972, na Itália, formada por mulheres da Itália, da França e dos Estados Unidos, e que reivindicava que o Estado reconhecesse o trabalho doméstico como trabalho, ou seja, uma atividade que deveria ser remunerada. A campanha buscava também pôr um fim à naturalização do trabalho doméstico como “trabalho feminino” (Federici, 2019). Examino as bases do trabalho doméstico remunerado no Brasil e a organização e luta dessas trabalhadoras. E é a partir da discussão teórica e da historiografia produzida sobre o tema que inicio essa reflexão.

2.1 Produção e reprodução social: uma relação de subordinação

Ao investigar a opressão das mulheres e sua posição nas relações de trabalho sob o capitalismo, as feministas marxistas buscaram os elementos históricos e os fundamentos materiais das hierarquias que têm caracterizado a divisão sexual do trabalho. Os trabalhos de ativistas acadêmicas como Silvia Federici, Mariarosa Dalla Costa, Maria Mies, Lise Vogel e Tithi Bhattacharya, entre outras, são determinantes para a compreensão do papel estrutural da reprodução social no capitalismo e, por conseguinte, da opressão das mulheres. E a partir de suas reflexões, nos guiam na compreensão das relações de gênero conectadas com as relações sociais de produção, ao inquirir sobre questões como: qual o papel da reprodução biológica e

da família na dinâmica capitalista? Qual a natureza do trabalho doméstico? Ele é um trabalho produtivo ou improdutivo? Que relação possui com a produção capitalista? Como compreender essa experiência nas suas dimensões generificada, racializada e geograficamente localizada?

A definição proposta por Karl Marx, de que “dentro do capitalismo, somente é produtivo o operário que produz mais-valia ou que trabalha por fazer rentável o capital”, situa o trabalho produtivo na esfera das atividades geradoras de valor monetário para o mercado. Marx identificou a “força de trabalho”, ou seja, nossa capacidade de trabalhar, como a “mercadoria essencial” para manter o sistema funcionando. Marx nos diz que a força de trabalho tem a “propriedade peculiar de ser uma fonte de valor” porque com essa força de trabalho criamos mercadorias e valor para o capitalismo (Marx, 1946, p. 426). Se a força de trabalho produz valor, como então é produzida a força de trabalho? Foi a partir deste questionamento que teóricas marxistas desenvolveram a teoria da reprodução social.

A reprodução social integra uma gama de atividades vitais (dentre as quais está incluído o trabalho doméstico) que vão desde a reprodução e manutenção da vida no sentido biológico até a criação das condições materiais, sociais, culturais e emocionais necessárias para a produção e manutenção da “força de trabalho”. A organização da reprodução social nas sociedades capitalistas se baseia no gênero, pois são as mulheres que realizam a maioria dessas atividades, que são a base necessária para que o sistema continue funcionando, e elas são fornecidas de graça ou a um custo muito baixo para o sistema. O capitalismo separou as atividades reprodutivas das atividades produtivas para o mercado, submetendo o trabalho de reprodução social ao trabalho reprodutivo que visa ao lucro. E, com esse movimento, atualizou novas formas de opressão das mulheres, visto que são elas que realizam uma parcela desproporcional dessas atividades.

No cenário de debates sobre o trabalho doméstico que ocorria nos EUA e na Europa nas décadas de 1960 e 1970, Lise Vogel, buscando identificar os fundamentos materiais da opressão das mulheres, propôs uma “teoria unitária” que integra a análise das relações de gênero a uma teoria das relações sociais de produção. E para isso ela empreendeu uma retomada da teoria marxiana a partir de categorias centrais como “a mercadoria” e a “força de trabalho”, presentes na análise de Marx em *O Capital*, Livro I. A partir do questionamento de como essa “mercadoria especial” para Marx, é produzida, ela passa a investigar como a produção e reprodução diária e geracional da força de trabalho é produzida e reproduzida no capitalismo. Ela afirma que a mercadoria força de trabalho se produz e se reproduz fora da

produção capitalista, e que a família é o local primário, mas não o único, da reprodução da força de trabalho. Assim, Vogel conclui que, como a mercadoria força de trabalho é produzida predominantemente na família, de forma distinta das demais mercadorias, logo, ela é produzida de forma não-capitalista. E esse suporte principal do capitalismo é mantido fora da esfera produtiva, ou seja, funciona através do trabalho não remunerado das mulheres. A partir disso, ela passa a teorizar sobre a natureza do trabalho doméstico, se ele é produtivo ou improdutivo na perspectiva marxista. Vogel argumenta que, como o trabalho doméstico não é supervisionado diretamente pelo capital e não tem o seu tempo de trabalho medido pelo tempo socialmente necessário para produção de valor capitalista, então, pela lógica marxiana, seria um trabalho improdutivo. A autora defende que o trabalho doméstico produz um valor de uso e não um valor de troca. No entanto, ao destacar na sua análise a centralidade da categoria força de trabalho, e o papel da reprodução biológica e da família como base da produção capitalista, ela apresenta a esfera da produção e a esfera da reprodução como totalidade do sistema capitalista. (Vogel, 2022, p. 307-321).

Ao integrar produção e reprodução como totalidade completa no capitalismo, Vogel conclui que a base material da opressão de gênero está na relação historicamente constituída entre a condição biológica de corpos sexuais femininos e as relações sociais de produção, argumentando que:

A luta de classe pelas condições de produção representa a dinâmica central do desenvolvimento social nas sociedades caracterizadas pela exploração. Nessas sociedades, o trabalho excedente é apropriado por uma classe dominante e uma condição essencial para a subordinação é a [...] renovação de uma classe subordinada de produtores diretos empenhados no processo de trabalho. De modo geral, a reposição geracional fornece a maioria dos novos trabalhadores necessários para reabastecer essa classe e a capacidade das mulheres de gerar filhos desempenha um papel crucial nas sociedades de classes. [...] Nas classes proprietárias [...] a opressão das mulheres advém do seu papel na manutenção e herança da propriedade. [...] Nas classes subordinadas [...] a opressão feminina [...] deriva do envolvimento das mulheres nos processos que renovam os produtores diretos, assim como o seu envolvimento na produção. (Vogel *in* BHATTACHARYA, 2013, p. 103).

Ao destacar o papel estrutural da reprodução social no capitalismo, Vogel localiza a opressão de gênero não na relação entre homens e mulheres, mas entre as mulheres e o capitalismo. Ela argumenta que não é a definição biológica das mulheres que determina a opressão de gênero, mas a organização social dessa capacidade biológica, que é historicamente construída. Um exemplo de como o capitalismo controla essa organização é através da regulação dos direitos reprodutivos das mulheres através do Estado, a fim de garantir a reprodução dos trabalhadores (Vogel, 2022).

Vogel recebeu algumas críticas importantes sobre seu trabalho. Johana Brenner e Nancy Holmstrom (1989), ao comentarem a análise de Vogel, indicam que seu referencial analítico falha ao desconsiderar as estruturas ideológicas e políticas que sustentam a opressão das mulheres. Heidi Hartman (1979), autora que assumiu uma posição destacada das teorias feministas dos chamados sistemas duais, ao comentar a análise de *Vogel*, pontua que as mulheres são oprimidas também por serem mulheres e não apenas por serem parte da classe trabalhadora. Susan Ferguson e David McNally, autores do prefácio do livro de Vogel, apontam a falta da análise do racismo em sua obra (Ferguson e McNally *apud* VOGEL, 2022, p. 79-80).

Segundo Tithi Bhattacharya, a ideia mais importante da teoria da reprodução social é que o capitalismo é um sistema unitário, que pode integrar com êxito, ainda que de maneira desigual, a esfera da reprodução e a esfera da produção, e essa percepção fornece substância histórica real para compreender quem é trabalhador(a), pois a classe trabalhadora não trabalha apenas no seu local de trabalho (Bhattacharya, 2013, p. 104). As ideias de Vogel não tiveram muita repercussão no período de lançamento do seu livro (que teve sua primeira publicação em 1983). Segundo análises sobre o silenciamento acadêmico das ideias da autora, isto ocorreu no período de ascensão do neoliberalismo, que abriu espaço para as teorias pós-modernas nas discussões de gênero, seguidas por análises fragmentadas e deslocadas da crítica da economia política (FERGUSON e MCNALLY, 2017). As ideias de Vogel foram resgatadas e reatualizadas numa coletânea organizada por Thiti Bhattacharya (2017) para uma compreensão do atual contexto da crise capitalista (2008), numa perspectiva da produção e reprodução social como teoria unitária do capitalismo como totalidade (BHATTACHARYA, 2022).

No que tange à teorização da natureza do trabalho doméstico, a noção de que o trabalho realizado pelas donas de casa seria “improdutivo” foi questionada pela primeira vez por Mariarosa Dalla Costa (1972), que afirmou que:

[...] o que a dona de casa produz na família não são simplesmente valores de uso, mas a “mercadoria força de trabalho”, que o marido então vende como trabalho assalariado “livre” no mercado de trabalho. Ela afirma claramente que a produtividade da dona de casa é a pré-condição para a produtividade do trabalhador assalariado (homem). A família nuclear, organizada e protegida pelo Estado, é a fábrica social em que a mercadoria “força de trabalho” é produzida. Portanto, a dona de casa e seu trabalho não estão fora do processo de produção de mais-valia, mas constituem o próprio alicerce sobre o qual o processo produtivo é iniciado. (Dalla Costa *in* Mies, 2022, p. 91).

A separação entre as atividades produtivas e as atividades reprodutivas isolou as mulheres dentro da família nuclear e o seu trabalho doméstico passou a ser sistematicamente invisibilizado, naturalizado e desvalorizado, aparecendo apenas como uma assistência pessoal. Dalla Costa, assim como outras teóricas da reprodução social que veremos no decorrer do texto, apontou uma aliança estratégica criada pelo capital e pelo Estado entre o trabalho doméstico não remunerado das mulheres e o trabalho assalariado dos homens, subordinando o trabalho das mulheres ao dos homens. Dessa forma, a dominação dessas trabalhadoras não remuneradas também se estabelece por meio do salário, evidenciando assim, que o trabalho doméstico está associado diretamente à organização capitalista.

Maria Mies cita que, utilizando os mecanismos de análise propostos por Frantz Fanon (2008) acerca do colonialismo, Dalla Costa, numa análise sobre as divisões colonizadoras do patriarcado capitalista, também interpretou a separação entre as mulheres (como donas de casa e trabalhadoras assalariadas) como resultados de um processo de colonização. Para ela, a família e o lar seriam uma colônia dominada pela “metrópole”, capital e Estado (Mies, 2022, p. 91-93). Em sua análise, Maria Mies também associa a relação entre a exploração das mulheres, dos povos colonizados e da natureza, com a dinâmica capitalista. Ela faz isso estendendo a análise de Rosa Luxemburgo (1923) sobre os processos de exploração e destruição dos povos e modos de vida não capitalistas (processos estes que permanecem em constante expansão) ao trabalho doméstico não pago, para demonstrar que assim como os processos de escravização, colonização e exploração da natureza, o trabalho não pago das mulheres é a base desse sistema econômico. Ela destaca que a relação interdependente entre a exploração das mulheres, dos povos colonizados e da natureza é fundamental para a dinâmica capitalista nos seus desdobramentos históricos (Mies, 2022 p. 95-97).

Silvia Federici, em uma extensa pesquisa sobre reprodução social e trabalho doméstico, também traz os elementos históricos e os fundamentos materiais que têm constituído a exploração e a opressão das mulheres sob o sistema capitalista. A autora localiza sua análise a partir das mudanças que o processo de acumulação primitiva vai operar na posição social das mulheres, que é a construção de uma nova ordem patriarcal e o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens. Federici coloca no centro da análise da acumulação primitiva, a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII, sustentando que essa perseguição às mulheres, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do

campesinato europeu de suas terras (Federici, 2019, p. 130-132). Ao passo que o capitalismo expropriou e expulsou os homens da terra, deu a eles uma serva.

A autora reafirma o fato de que as relações desiguais de poder entre homens e mulheres já existiam antes do advento do capitalismo, mas que a subordinação das mulheres esteve atenuada pelo fato de que elas tinham acesso à terra e a outros bens comuns, mas no novo sistema, “as próprias mulheres se tornaram bens comuns”, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural, que estava fora das relações do mercado (Federici, 2018, p. 181). Ela afirma também que o capitalismo se apropriou do trabalho não remunerado das mulheres para atender a uma demanda pela diminuição dos custos do trabalho assalariado, isentando o empregador dos custos com a reprodução, e que, sob o disfarce de um destino biológico, “os atributos de feminilidade” foram construídos como uma dimensão do trabalho, atualizando as formas de opressões. No seu estudo, Federici delineia todo o processo de construção e redefinição de um novo modelo de feminilidade que passa por mudanças na lei e pelo discurso ideológico no qual as mulheres foram totalmente desvalorizadas como trabalhadoras e privadas de sua autonomia reprodutiva e econômica. Ela cita o processo de “caça às bruxas” como um mecanismo das estruturas institucionais para atender a um programa de crescimento populacional que empreendeu uma perseguição às mulheres para tirar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução (Federici, 2018, p. 174-175). Essas mudanças históricas, segundo a autora, tiveram um auge no século XIX com a criação da figura da dona de casa em tempo integral, o que redefiniu a posição das mulheres na sociedade e em relação aos homens (Federici, 2018, p. 148).

Federici ressalta ainda como o casamento se transformou na instituição mais importante para a ocultação e a apropriação do trabalho das mulheres, posto que “na nova família burguesa o marido se transformou no novo representante do Estado, encarregado de supervisionar as classes subordinadas” (Federici, 2018, p. 180). Federici define o trabalho doméstico enquanto um trabalho emocional, sexual, e não apenas físico. Ela argumenta que a maneira como a gente trabalha, organiza a família, cuida, se diverte, até a maneira que a gente ama, é configurada pelo capitalismo. A autora conclui que, se na sociedade capitalista a identidade sexual se transformou num suporte específico das funções de trabalho, o gênero não deve ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe. Federici sustenta a tese de que o trabalho doméstico não pago das mulheres é o pilar da acumulação capitalista, e que não é o trabalho como tal que é opressor, mas as relações sociais de exploração que o sustentam.

Federici recebeu algumas críticas sobre a percepção do trabalho doméstico como trabalho produtivo, embora ela nunca tenha feito tal afirmação. Ela, juntamente com Dalla Costa e outras ativistas, participaram da campanha por salários para o trabalho doméstico e elaboraram o conceito de “patriarcado do salário” (trarei a discussão sobre esta campanha e sobre o conceito mais adiante no texto), e afirma que a interpretação do trabalho doméstico como trabalho produtivo é uma distorção muito grosseira do que ela e Dalla Costa estavam propondo. Ela argumenta que o que interessava não era saber se o trabalho doméstico era produtivo ou improdutivo, e que receber salário não tem nada a ver com ser trabalhador produtivo, segundo Karl Marx (Marx, I, 2013, p. 578).

Até aqui, o debate dessas pensadoras, que têm contribuído para a construção de uma teoria da reprodução social, embora não configurem uma linha teórica unificada, evidencia a função estrutural do trabalho doméstico não remunerado no capitalismo. Entretanto, o trabalho doméstico adquiriu formas peculiares em determinadas conjunturas, assumindo, para além da generificação nas relações de produção, a racialização. E o cânone da reprodução social muitas vezes tem falhado em reconhecer as formas assumidas por esse trabalho quando ele é desempenhado por trabalhadoras racializadas (Hopkins *apud* Bhattacharya, 2022, p. 32-33). No entanto, as feministas e intelectuais negras avançaram nos estudos interseccionais, expondo que a opressão das mulheres se dá através da convergência entre gênero, raça e classe, entre outros demarcadores de opressão.

2.2 Opressões cruzadas: gênero, raça e classe

O trabalho doméstico, como vimos, está inscrito na divisão sexual do trabalho e, no Brasil, essas atividades laborais também perpassam a divisão racial do trabalho. Como já explanado anteriormente, a reprodução social se dá predominantemente na família. Mas essa não é a única esfera da reprodução social nem a força de trabalho é reproduzida apenas de maneira geracional. O capitalismo também utilizou outros expedientes para substituir a força de trabalho e, através da escravização e da dominação colonial, submeteu povos e grupos sociais e subjugou o trabalho das mulheres, inscrevendo-as também na divisão racial do trabalho. E é na clivagem dessas categorias que se estabelecem essas relações de opressão.

Segue um breve percurso histórico acerca desse processo utilizado na expropriação e racialização da força de trabalho no Brasil. Em 1550, inicia-se oficialmente no país o tráfico negreiro, que submeteu homens e mulheres trazidos da África para suprir a mão de obra entre

os séculos XVI e XIX. A mão de obra escrava foi o pilar das relações de trabalho no período colonial. As origens históricas do trabalho doméstico remunerado de hoje estão nas mulheres negras escravizadas que realizavam as tarefas domésticas na casa grande.

Em um artigo sobre a situação das mulheres negras na sociedade brasileira, Lélia Gonzalez (2000) situa alguns capítulos de ordem histórica, que vão localizar as mulheres negras enquanto escravizadas até a sua condição como trabalhadora doméstica. Ela aponta duas categorias de “escravas” existentes no Brasil de então: a escrava do eito e a mucama. Embora a força de trabalho escrava do eito (caracterizada como produtiva) fosse predominantemente masculina, o sistema não poupou o trabalho dessas mulheres e era possível encontrá-las também nessa categoria (Gonzalez, 2020, p. 43, 45). Mas é na categoria de mucama que a autora traz uma análise da construção da figura da empregada doméstica, que carrega elementos escravistas até os dias atuais. Pois era enquanto mucamas que as mulheres negras escravizadas eram obrigadas a realizar todas as tarefas de manutenção da casa-grande, como “lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre ‘livre’ das sinhazinhas”. A autora cita também “as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes”, e, ainda, a construção da figura da mãe preta, que cuidou e educou os filhos dos senhores (Gonzalez, 2020, p. 46). Em sua análise, Gonzalez descreve com exatidão as funções do trabalho reprodutivo como um trabalho físico, emocional e sexual, encarnados nos papéis da mãe-preta, da mucama e atualizados nas figuras da empregada doméstica, da babá e da mulata (Gonzalez, 2020, p. 70).

Em sua pesquisa acadêmica sobre o trabalho doméstico remunerado, Juliana Teixeira, ao posicionar essas trabalhadoras no centro, como protagonistas de suas histórias e como via de interpretação para entender a função que exercem, também traz as suas antecessoras históricas, que são as mulheres negras que foram escravizadas no período colonial, e aponta como característica do processo do não reconhecimento da atividade dessas mulheres como um trabalho, alguns títulos que foram sendo atribuídos a elas ao longo da história, desde a escravizada doméstica até a criada, a empregada doméstica, as mensalistas e diaristas; na construção e manutenção dessa ideia de que a trabalhadora doméstica não é uma “trabalhadora” (Teixeira, 2021).

Porquanto, mais de um século depois da abolição da escravidão no Brasil, e até hoje, ainda são inúmeros os casos de trabalhadoras domésticas submetidas a um regime análogo à

escravidão.³ E, mesmo quando remunerado, o trabalho doméstico ainda guarda um registro de exploração e de precarização, pois são diversos os relatos de experiência sobre os abusos e a discriminação aos quais são submetidas as profissionais do trabalho doméstico. Sobre essas experiências, a historiadora e ex-empregada doméstica Joyce Fernandes, também conhecida como Preta-Rara, lançou o livro *Eu, empregada doméstica* (2019), no qual publicou relatos dessas trabalhadoras sobre os episódios de humilhação e violência a que são submetidas cotidianamente.

Somente após quase 80 anos de organização sindical das trabalhadoras domésticas, iniciada em 1936 por Laudelina de Campos Mello - mulher negra, ex-empregada doméstica e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Frente Negra Brasileira (FNB) na busca pelos direitos trabalhistas já garantidos a outras categorias profissionais -, é que as trabalhadoras e os trabalhadores domésticos tiveram seus direitos equiparados aos dos demais trabalhadores. Foi quando entrou em vigor, em 2015, a Proposta de Emenda à Constituição das Domésticas – 66/2012 (conhecida como PEC das Domésticas), que teve como relatora a deputada Benedita da Silva (PT/RJ), enfrentando grande resistência por parte da classe empregadora, embora as leis trabalhistas para o meio urbano no Brasil tenham sido consolidadas desde a década de 1940.

O trabalho doméstico não foi amparado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943. Em 1973, a Lei n. 5.859 dispunha sobre o trabalho doméstico, atribuindo às trabalhadoras e aos trabalhadores domésticos apenas dois direitos: a assinatura da carteira de trabalho e o direito a férias anuais remuneradas de 20 dias. Na Constituição Federal de 1988, outros direitos trabalhistas foram estendidos às(aos) trabalhadoras(es) domésticas(os), entre os quais salário-mínimo, repouso semanal, licença-maternidade, aposentadoria. Em 2006, com a edição da Lei n. 11.324, foi firmado o direito a férias de 30 dias, direito aos feriados civis e religiosos, além da proibição de descontos de moradia, alimentação e produtos de higiene utilizados no local de trabalho. E, finalmente, em 2015, foi regulamentada com a Lei Complementar n. 150, que ficou conhecida como a Lei das domésticas, que assegurava que todos os direitos trabalhistas passaram a ser estendidos a essas trabalhadoras.

O Brasil foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravização de pessoas, e a ideia de ter um servo ou uma serva na família está presente até hoje em nossa sociedade, refletindo uma prática ligada a um tipo de escravidão de pequena posse. De acordo com a

³ Ver em “Trabalhadoras domésticas em situação análoga à escravidão no Brasil, até quando?”. *Fenatrad*, 2022. Disponível em <https://fenatrad.org.br/2022/04/04/trabalhadoras-domesticas-em-situacao-analoga-a-escravidao-no-brasil-ate-quando/>. Acesso em 20/07/2022.

Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Brasil tem a maior população de empregadas domésticas no mundo (são 7,2 milhões, sendo 6,7 milhões de mulheres e 504 mil homens), composta por um perfil predominantemente feminino, afrodescendente e de baixa escolaridade⁴. Esses dados refletem a permanência de um ideário escravagista e classista que naturaliza a servidão. Reflete ainda as desigualdades decorrentes desses processos históricos e que são atualizadas sob formas renovadas de exploração. Destarte, para compreender como esses marcadores sociais atuam na vida e no trabalho das mulheres, utilizaremos o conceito de interseccionalidade.

Ainda que o conceito de interseccionalidade seja considerado recente, sendo sistematizado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, no contexto das leis de antidiscriminação racial, e que ela definiu como um método para compreender a maneira como múltiplos eixos de subordinação se articulam, colocando as mulheres negras em posições mais vulneráveis nessa dinâmica estrutural, algumas intelectuais negras elaboraram ideias precedentes que constituem sua base.

Nos Estados Unidos, o trabalho de Angela Davis é uma grande referência para pensar as relações entre gênero, raça e classe (Davis, 2016). Davis, cujo texto original data de 1981, assim como outras intelectuais negras da atualidade, apontam Sojourner Truth, mulher negra, ex-escravizada, como fonte de inspiração no seu potente discurso sobre a invisibilidade da mulher negra. Em um discurso proferido de improviso numa reunião em que estava sendo discutida a questão do sufrágio feminino, em Akron, Ohio, em 1851, para refutar a afirmação de um dos homens presentes na reunião que dizia ser ridículo uma mulher querer votar, visto que elas sequer eram capazes de pular uma poça d'água ou embarcar numa carruagem sem a ajuda de um homem, Sojourner retrucou:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem - quando eu conseguia comida - e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz a treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (DAVIS, 2016, p. 72).

⁴ Ver em “O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas no mundo?” *Instituto Humanitas Unisinos*, 2018. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/576402-o-que-faz-o-brasil-ter-a-maior-populacao-de-domesticas-do-mundo> Acesso em 20/06/2022.

Outras intelectuais negras brasileiras⁵ tiveram importante contribuição para pensar como os diferentes eixos de opressão se articulavam ainda antes que o termo interseccionalidade fosse cunhado, com destaque para Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, em suas análises sobre o triplo processo de discriminação sofrido pelas mulheres negras no Brasil, sendo desenvolvido especialmente por Carla Akotirene, como conceito fundamental para pensar a “inseparabilidade estrutural do racismo, do patriarcalismo, da opressão de classe e outros sistemas discriminatórios que criam desigualdades básicas e que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (Akotirene, 2018).

Como já discutido amplamente pelas teóricas da reprodução social, a divisão sexual do trabalho é a base fundamental sobre a qual se mantêm as hierarquias de gênero. No entanto, essas posições não se estabelecem da mesma forma para todas as mulheres. Na conexão entre divisão sexual do trabalho não remunerado e trabalho remunerado, a posição das mulheres se define a partir de diferentes marcadores sociais. E essas diferenças constituem posições diferenciadas entre as mulheres, e essas diferenças se configuram em hierarquias entre elas.

Como lembra Patrícia Hill Collins, muitas mulheres negras desempenham tanto o trabalho doméstico não remunerado quanto o trabalho doméstico assalariado, e nessas circunstâncias, a família funciona como um suporte, daí a crítica ao discurso de que o casamento se apresenta como um lugar de opressão, que muitas vezes desconsidera as experiências de mulheres racializadas (Collins *in* Biroli, 2017, p. 38-39). A correlação entre trabalho remunerado e trabalho não remunerado tem diferentes implicações para mulheres negras e mulheres brancas, mas a divisão sexual do trabalho opera nos dois grupos; nesse sentido, o trabalho doméstico assume uma perspectiva interseccional.

As teóricas da teoria da reprodução social têm questionado se a interseccionalidade oferece as ferramentas para entender o mundo oculto da totalidade social e propõem um reposicionamento do conceito. Elas sugerem que a teoria da reprodução social retenha as ideias da interseccionalidade, mas rejeitem sua premissa teórica de uma realidade agregada em partes em prol de um redirecionamento para a compreensão da totalidade como algo orgânico (Bhattacharya, 2022, p. 38-39).

Ao propor a interseccionalidade como uma teoria social crítica, Patricia Hill Collins afirmou que:

⁵ Sobre a ascensão do conceito de interseccionalidade e as diferenças entre autoras brasileiras e estadunidenses que o desenvolvem, ver Veiga, 2020.

A ênfase da interseccionalidade nos sistemas interseccionais de poder sugere que formas distintas de opressão têm todas uma rede própria, uma “matriz” própria de dinâmicas interseccionais de poder, elas têm formas distintas de opressão. Por exemplo, as intersecções de racismo, capitalismo e sexismo nos Estados Unidos diferem das do Brasil, produzem matrizes distintas de dominação em cada um desses Estados-nação e nas relações entre eles. Ambos podem compartilhar histórias gerais de dominação, como a maneira como o seu amplo envolvimento com o tráfico transatlântico de pessoas, na qualidade de colônia e de Estado-nação livre, era parte integrante de sua incorporação ao capitalismo global. No entanto, os modelos distintos que a dominação assumiu em cada um deles diferem dramaticamente; as dominações de gênero, raça e classe no Brasil não podem ser reduzidas uma à outra, tampouco a alguns princípios gerais de dominação sem as especificidades de suas histórias (Collins, 2022, p. 39).

Carla Akotirene enfatiza que o conceito de interseccionalidade está em disputa no campo acadêmico, e chama a atenção para os perigos do esvaziamento no sentido de um apagamento epistêmico da origem e do fundamento da proposta do feminismo negro (Akotirene, 2018).

As diversas concepções implicaram em diferentes estratégias políticas na luta contra a exploração e a opressão, como poderemos observar a seguir, nas experiências dessas mulheres.

2. 3 Mulheres e trabalho doméstico: múltiplas experiências, diferentes relações

Em todas as pautas de lutas do movimento de mulheres, mesmo quando a questão do trabalho doméstico não ocupou a centralidade, essa temática perpassa a discussão. Em suas múltiplas experiências e diferentes relações, é importante destacar os diversos movimentos de mulheres e suas lutas para ressignificar o trabalho doméstico.

2.3.1 Socializando o trabalho doméstico

Uma experiência de socialização do trabalho doméstico se desenvolveu na antiga União Soviética, sob o governo bolchevique durante a Revolução Russa. Os revolucionários e revolucionárias bolcheviques entendiam que a emancipação do operariado não seria completa sem a libertação das mulheres e que essa emancipação só se tornaria concreta se elas fossem incorporadas à produção social, conforme mencionado por Lênin: “O proletariado não alcançaria a emancipação completa se não fosse conquistada primeiro a completa emancipação das mulheres!” (Lênin, 1920, p. 40).

Entre as intelectuais revolucionárias, se destaca *Alexandra Kollontai*, que teve uma ampla produção teórica e uma participação ativa durante todo o processo revolucionário, organizando as mulheres trabalhadoras e produzindo uma vasta contribuição teórica sobre a questão da emancipação feminina. Em 1909, Kollontai publica *As bases sociais da questão feminina*, obra na qual faz uma análise da família e defende a coletivização das funções da família pelo Estado. Instaurado o governo soviético, Alexandra Kollontai é nomeada Comissária do Povo para a Assistência Pública, tornando-se a primeira mulher no mundo a ter um cargo de nível ministerial. A partir daí, Kollontai, com a colaboração de outras revolucionárias como Nadiéjda Krupskaja, Inessa Fiódorovna Armand, estiveram à frente de um programa de efetivação de políticas públicas e de reformas na legislação com o objetivo de criar condições para a emancipação das mulheres e sua integração econômica, política e cultural à sociedade. Dentre essas medidas estava a criação de creches, pré-escolas, refeitórios, lavanderias, orfanatos, hospitais e outros serviços destinados à redução do trabalho doméstico e à inserção das mulheres na força produtiva assalariada.

As tarefas de educação e cuidado das pessoas, crianças, idosos e doentes, que tradicionalmente eram responsabilidade das mulheres, passaram a ser uma tarefa coletivizada naquela sociedade. A partir da Revolução, foram organizadas creches, pré-escolas, refeitórios, orfanatos, hospitais e outros serviços destinados à redução do trabalho doméstico e iniciativas de inserção das mulheres na força produtiva assalariada (Goldman, 2014). Os bolcheviques compreendiam as tarefas de educação e cuidado das pessoas, crianças, idosos e doentes, como sendo uma tarefa coletiva da sociedade socialista, objetivando a substituição da família burguesa individualista pela grande família universal dos trabalhadores, liberando as mulheres para o trabalho produtivo.

Para Kollontai (1913, p. 89), essa política consolidava a “separação entre casamento e cozinha”. Entretanto, apesar da inclusão das mulheres no espaço produtivo, eram elas que continuavam a realizar as tarefas “femininas” agora incluídas no espaço produtivo (como empregadas assalariadas nos serviços de lavanderia, creches, restaurantes, enfermaria), evidenciando uma permanência da divisão sexual do trabalho (Jardim, 2017, p. 70). Entretanto, antes mesmo das políticas para a socialização do trabalho serem implantadas naquela sociedade, a crítica aos papéis de gênero já estava presente, como podemos observar na fala da revolucionária russa Nadiéjda Krupskaja:

A escola livre luta contra todos os preconceitos que arruinam a vida das pessoas. O preconceito de que a tarefa doméstica é digna apenas de seres com necessidades menores abala a relação entre homens e mulheres, introduzindo nela um princípio de

desigualdade. Tal preconceito não martirizou apenas uma mulher, não gerou alienação e discórdia em apenas uma família. A escola livre é uma ardente defensora da educação conjunta, uma vez que considera que o trabalho coletivo e as condições iguais de desenvolvimento favorecem a compreensão mútua e a aproximação espiritual de ambos os sexos e, assim, servem de garantia para relações saudáveis entre homens e mulheres. A partir desse ponto de vista, a escola livre, ao ensinar trabalhos manuais, não deve diferenciar crianças de sexos distintos. É preciso que os meninos e meninas aprendam da mesma forma a fazer todo o necessário no trabalho doméstico e não se considerem indignos de realizá-los. Toda essa conversa sobre a mulher ser “naturalmente predestinada” à execução dos afazeres domésticos são bobagens semelhantes ao discurso que, na época, os donos de escravos faziam sobre esses seres serem “naturalmente predestinados” à condição de escravos (Krupskaia in Schneider, 1909, p. 90-91).

Ao defender que as tarefas domésticas não deveriam ser apenas “coisas de mulher”, que os homens também deveriam participar dessas atividades e que não “há nada no trabalho doméstico que faça com que ele seja uma atividade mais adequada para a individualidade da mulher”, Krupskaia foi pioneira de uma discussão sobre os papéis de gênero (em linguagem do presente) que estaria presente nas sociedades capitalistas nas décadas posteriores e permanece nos dias atuais. No chamado Norte global, em países de capitalismo central, um movimento de contestação à naturalização do trabalho doméstico como um atributo feminino e à sua ocultação como uma função de trabalho foi organizado nos anos de 1970, como veremos a seguir.

2.3.2 “Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não pago”

A citação acima fazia parte das palavras de ordem da *International Wages for Housework Campaign (WfH)*⁶, a já mencionada campanha internacional por salários para o trabalho doméstico na Itália que teve início em 1972, formada por mulheres da Itália, da França e dos Estados Unidos. O objetivo da campanha era mostrar que o doméstico não era apenas um trabalho afetivo que as mulheres exerciam em favor da família, mas uma atividade essencial que deveria ser remunerada. A campanha buscava pôr um fim à naturalização do trabalho doméstico como “trabalho feminino”. Silvia Federici, que participou ativamente dessa campanha, enfatizou a perspectiva revolucionária da *WfH* por colocar em evidência o caráter não pago do trabalho doméstico e a submissão das mulheres devido à sua condição de donas de casa. Ela salienta que:

⁶ Campanha Internacional por Salários para o Trabalho Doméstico.

A reivindicação por salários para o trabalho doméstico, é a reivindicação pela qual termina a nossa natureza e começa a nossa luta, porque o simples fato de querer salários para o trabalho doméstico já significa recusar esse trabalho como uma expressão de nossa natureza, e, portanto, recusar precisamente o papel feminino que o capital inventou para nós. Quando lutamos por salários para o trabalho doméstico, lutamos contra nosso papel social [...] deve ficar claro, no entanto, que não lutamos para entrar na lógica das relações capitalistas, porque nós nunca estivemos fora dela (Federici, 2019, p. 46-48).

Federici argumenta que a dominação das trabalhadoras não remuneradas também se estabeleceu por meio do salário, pois, ao tornar as mulheres dependentes dos salários dos homens, criou-se o “patriarcado do salário”. O conceito de patriarcado do salário foi criado pelas mulheres do *WfH* para evidenciar a ideia de que o valor da força de trabalho feminizada foi incluso no valor do trabalho masculino, e que o patriarcado do salário conferiu aos homens a capacidade de controlar o trabalho e os corpos das mulheres. A autora argumenta ainda que a invisibilidade do trabalho doméstico rebaixa o preço de todo o trabalho de reprodução no mercado, situando essas atividades nos setores mais precarizados do trabalho. Não é por acaso que essa categoria de trabalhadores é predominantemente formada por mulheres, grupos racializados e imigrantes. Vale destacar que a luta era por salários para o trabalho doméstico, não para as donas de casa. E a reivindicação era de que os salários fossem pagos não pelos maridos, mas pelo Estado, que representava o capital coletivo, que seria o verdadeiro “Homem” que se beneficiaria do trabalho doméstico (Federici, 2019, p. 27, 40-48). O salário evidenciaria, assim, o trabalho doméstico como aquilo que ele realmente é, um trabalho. Porém, vale ressaltar que na permanência do capitalismo, essa remuneração seria fatalmente custeada através das contribuições dos trabalhadores, desonerando o capital desses custos.

No Brasil, a profissão de dona de casa é regulamentada desde 1991 pela Lei 8. 212, Art. 21 da Constituição Federal. A regulamentação é apenas para fins de previdência social. Para ter direito à aposentadoria, as donas de casa precisam fazer contribuições à previdência. E para requerer o benefício, a dona de casa precisa ter a idade mínima de 62 anos e ao menos quinze anos de contribuição, tendo pagado o valor mínimo de 5% do salário mínimo, sendo possível fazer uma contribuição maior para receber um valor mais alto do benefício. Mas como não são remuneradas, dependem da contribuição de outra pessoa da família para custear o benefício, geralmente o marido ou filhos. Ou, ainda, pagam com a renda de atividades extras realizadas por elas, como, por exemplo, a venda de alimentos. Neste caso, precisando ampliar a carga de trabalho para pagar o benefício. Existe também outra opção para receber o benefício para donas de casa de baixa renda que preencham alguns critérios como, estar

inscrita no CadÚnico, ter uma renda familiar de até dois salários mínimos e ter dedicação exclusiva ao cuidado do lar.

Decerto que a autonomia financeira das mulheres é um direito que deve ser corroborado, e as revolucionárias marxistas reconheceram seu potencial libertador ao inserir as mulheres na esfera da produção. No entanto, no capitalismo, a independência financeira da mulher da classe trabalhadora é limitada, pois novas formas de inclusão também são acompanhadas de novas formas de opressão, pois, como pontua Flávia Biroli, “a posição de desvantagem das mulheres atualiza-se, assim, nos novos padrões de organização do trabalho no capitalismo”, afinal, “a expropriação do seu trabalho se daria agora mais de forma coletiva do que individual” (Biroli, 2017, p. 30-31).

No entanto, as lutas das mulheres apresentam-se não apenas confrontando seu papel como donas de casa, mas em movimentos de ressignificação e valorização desse papel social, como no caso das donas de casa que transformaram sua rotina doméstica em conteúdo digital na plataforma de vídeos YouTube, ressaltando a importância de suas atividades e obtendo uma forma de remuneração, aqui, através da exploração audiovisual do trabalho doméstico. E é sobre a emergência desse novo espaço de trabalho que falaremos a seguir.

3. FAXINA E FALA

A evolução digital conduzida pelo capital tem resultado em novos tipos de empresas e em novas formas de trabalho. E na última década, presenciamos o advento e a rápida expansão de uma nova modalidade de trabalho, o trabalho mediado por plataformas digitais. Pesquisadores do trabalho assinalam a emergência desse espaço de trabalho no contexto da flexibilização das leis trabalhistas, caracterizado cada vez mais pela ausência de direitos e garantias. Num estudo sobre o trabalho digital, o sociólogo do trabalho Ricardo Antunes (2020) faz uma análise sobre o universo laborativo das plataformas digitais que perpassa as mudanças nas relações de trabalho desencadeadas pela crise capitalista de 2008, que teve como epicentro o Norte do mundo, mas que exigiu mudanças internas que resultaram na devastação do trabalho em escala global. Especificamente no Brasil, esse processo se acelerou de 2016 em diante, se concretizando com a Reforma Trabalhista de 2017 e nas políticas que deram sequência a ela.

Para Antunes, a ampliação do universo digital, através das tecnologias de informação e comunicação resultaram em novos segmentos na geração de mais valor. E esses novos espaços produtivos, cada vez mais conectados às plataformas digitais e a ação dos algoritmos, passaram a ditar os ritmos e os tempos do capital (Antunes, 2020, p. 517). Os algoritmos são programas sob controle dessas corporações globais para processar um imenso volume de informações, convertendo-se numa nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. As empresas-plataformas se caracterizam por produzirem valor com os dados fornecidos pelos usuários e trabalhadores, e assim gerar um potencial preditivo para elas (Calvete, 2023, p.5).

Um relato sobre como as grandes empresas de tecnologia direcionam a publicidade, para atingir lucros cada vez mais crescentes na disputa pela atenção dos usuários, está no documentário lançado pela Netflix, intitulado *O Dilema das Redes* (2020). Nele, ex-funcionários e executivos das empresas Google, YouTube, Facebook, e outras redes sociais, revelam o domínio que essas mídias exercem no cotidiano das pessoas, através de um processo que eles chamam de “capitalismo de vigilância”, onde o mercado constrói modelos, a partir dos nossos dados, que preveem nossas ações. Ao falar sobre a gratuidade dos aplicativos de redes sociais, o ex-designer do Google, Tristan Harris, menciona a seguinte

frase: “se você não está pagando pelo produto, então você é o produto”⁷, para demonstrar como a lucratividade dessas corporações provém tanto dos criadores de conteúdo quanto dos seguidores/consumidores.

Num estudo realizado pelo professor Cássio Calvete, sobre os impactos no tempo de trabalho nos trabalhadores em plataformas digitais, chegou-se à seguinte conclusão:

[...] os impactos que a nova gestão da força de trabalho com o controle algorítmico tem sobre as três dimensões do tempo de trabalho: extensão, intensidade e distribuição. O estudo conclui que as novas técnicas de gestão têm forte impacto sobre as três dimensões do tempo de trabalho: aumentam a extensão do tempo de trabalho, intensificam o ritmo e alteram a distribuição, tornando a força de trabalho disponível durante sete dias na semana e 24 horas por dia [...] (Calvete, 2023, p. 1).

Calvete afirma que o surgimento das empresas plataformas é a inovação mais significativa do capitalismo do século XXI e que a mesma se caracteriza por um movimento que veio para desestruturar o tempo do trabalhador, utilizando recursos tecnológicos, ideológicos, discursivos e reformas trabalhistas, para extinguir as limitações entre tempo de trabalho e de não trabalho, bem como do local de trabalho e de não trabalho (Calvet, 2023, p. 4-5). A utilização de plataformas digitais para conectar trabalhadores e clientes deu origem ao processo que chamamos de plataformização do trabalho. No entanto, o fenômeno da plataformização não é um processo único, visto que se manifesta em diferentes esferas e compõe diversos perfis e atividades de trabalho, e também diferentes tipos de plataforma, que se estendem, por exemplo, aos entregadores do Ifood, aos motoristas do aplicativo Uber até aos chamados criadores de conteúdo/influenciadores.

Sobre o trabalho mediado por plataformas digitais, será abordado especificamente, neste estudo, a produção de vídeos para a plataforma digital YouTube Brasil e seu programa de parceria com os anunciantes e com os produtores de vídeo, problematizando as implicações da autoexposição no empenho pela monetização, visto que, de acordo com Hertzog (2019), no Youtube, “os trabalhadores só existem enquanto tais na medida em que se expõem” e “a abertura da intimidade se torna um elemento vinculante da produção de valor” (Hertzog, 2019, p. 268). Discutiremos também as noções de “parceria” e de “empreendedorismo” que permeiam essas relações de trabalho.

O YouTube foi criado em 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três funcionários de uma empresa de tecnologia em São Francisco, nos Estados Unidos, a *PayPal*. Inicialmente, foi desenvolvido com a proposta de facilitar a hospedagem de vídeos na internet, mas devido ao seu crescimento exponencial, o site logo se destacou, sendo comprado

⁷ Disponível em <https://www.netflix.com/br/title/81254224> Acesso em 25/04/2022.

pelo Google em 2006, numa aquisição bilionária.⁸ O Youtube conta com mais de dois bilhões de usuários e é o segundo site mais acessado do mundo (ficando atrás apenas do *Google*), conforme referenciado anteriormente. Em 2007, a plataforma chega ao Brasil. É também nesse ano que o YouTube começa a monetizar seu conteúdo, fechando acordos comerciais com organizações da mídia tradicional. Mas é em 2012, quando a plataforma expande seu programa de parcerias para 20 países, que o YouTube emerge como um novo espaço de trabalho no universo das plataformas digitais (Hertzog, 2019). Atualmente a plataforma está presente em mais de 100 países.

O *site* se tornou um dos canais mais rentáveis para a publicidade, e a própria plataforma desenvolveu ferramentas para auxiliar as empresas, criando programas de parceria que também repassam rendimentos para os criadores de conteúdo. O YouTube se tornou referência numa estratégia de mercado denominada *live commerce*, que alia entretenimento e consumo, reunindo marcas, consumidores e criadores, numa combinação que se tornou uma poderosa ferramenta de *marketing* dessas marcas. Segundo dados internos do Google, 76% dos usuários brasileiros do YouTube dizem que a plataforma os ajuda a decidir o que comprar e 70% compram marcas que descobrem pelo YouTube.⁹ Assim, os criadores de conteúdo se tornaram um meio eficaz para conectar as marcas ao seu público-alvo, visto que os seguidores dos canais desenvolvem uma relação de confiança e afinidade com os criadores. Nesse sentido, o marketing digital se torna ainda mais eficiente com o respaldo de um influenciador digital, visto que os *influencers* se relacionam com o público de uma maneira diferente do que as celebridades das mídias de TV, já que são mais próximos de sua rotina e estilo de vida. E, para centenas de milhões de espectadores, o YouTube está sempre ligado, pois mais da metade das visualizações da plataforma vem de dispositivos móveis.¹⁰

Essa dinâmica, que envolve criadores, seguidores e anunciantes, funciona à base de algoritmos, cuja função é descobrir o que mostrar aos seguidores do canal para manter os números crescendo, através de engajamento e propaganda. Na internet, os algoritmos são responsáveis por processar grandes volumes de informações em tempo recorde, e são utilizados, entre outras coisas, para criar recomendações personalizadas. As empresas

⁸ Disponível em <https://www.theage.com.au/business/google-closes-a2b-youtube-deal-20061115-gdotv3.html>. Acesso em 20/11/2023.

⁹ Ver em “Entretenimento e consumo: como o live commerce mudou a experiência de compras unindo marcas, consumidores e criadores”. *Think with Google*, 2022. Disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/live-commerce-live-shopping-youtube-compras-entretenimento/>. Acesso em 21/05/2023.

¹⁰ Disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/entenda-o-poder-do-youtube/>. Acesso em 15/04/2024.

plataformas se caracterizam por gerarem valor a partir dos dados fornecidos pelos usuários e trabalhadores, que são tratados pela gestão do algoritmo.

Em sua obra *O Privilégio da Servidão* (2018), Ricardo Antunes comenta como Marx percebeu de modo precoce essa tendência que atualmente está sendo exponencialmente desenvolvida pelo capitalismo, caracterizada pela ampliação das atividades produtivas imateriais. A partir da pergunta “o trabalho imaterial pode ser produtivo?” ele apresenta de maneira sintetizada as formulações marxianas acerca do trabalho produtivo e trabalho improdutivo, produção material e produção imaterial, para demonstrar que “estamos presenciando em escala global o crescimento de novas formas de realização da lei do valor, tanto nas esferas da produção material quanto nas das atividades imateriais” (Antunes, 2018, p. 56).

É uma ideia recorrente entre produtores de conteúdo para o YouTube, que eles têm uma certa “liberdade” e “independência” com essa modalidade de trabalho, uma vez que eles seriam “empresários de si mesmos” e que, em tese, poderiam escolher a sua jornada de trabalho. Mas, ao observarmos essas relações de trabalho, confirmamos a afirmação de Antunes de que esse é um pensamento ideologicamente construído para mascarar as contradições de classes produzidas pelo capital, pois na verdade, trata-se de uma forma oculta de trabalho assalariado (Antunes, 2020, p. 23). Nos programas de parcerias não existem regulações contratuais, o(a) trabalhador(a) assume os custos e os riscos pelo trabalho realizado. As operações na plataforma digital são mediadas por inteligência artificial e algoritmos canalizados para o lucro das grandes corporações, enquanto os “parceiros” que trabalham com/para essas plataformas empreendem uma jornada de trabalho *online* diário, sem limites de horário, para adquirir uma renda muitas vezes incerta e insuficiente. Sobre esse processo, Antunes pontua:

É como se todos os espaços existentes de trabalho fossem potencialmente convertidos em geradores de mais-valor [...]. nesse universo caracterizado pela *subsunção do trabalho* ao mundo maquínico (seja pela vigência da máquina-ferramenta do século XX, seja pela máquina informacional-digital dos dias atuais), o trabalho estável, herdeiro da fase taylorista-fordista, relativamente moldado pela contratação e pela regulamentação, vem sendo substituído pelos mais distintos e diversificados modos de informalidade. [...] Essa nova morfologia do trabalho [...] potencializa novos mecanismos geradores de valor, ainda que sob a aparência de não valor, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de auto exploração do trabalho). (Antunes, 2018, p. 66-67).

Essa dinâmica entre trabalho e vida pessoal, na qual ficam cada vez mais tênues as fronteiras entre o espaço público e o privado, segundo Antunes, vem destruindo a separação

entre o tempo de vida dentro do trabalho e fora dele, intensifica os processos de exploração do trabalho, desprovido de regulação, garantias, direitos e estabilidade, se constituindo no que Antunes nomeia de “escravidão digital” (Antunes, 2018, p. 48).

Em sua tese de doutorado, Lucas Hertzog, ao examinar as relações de trabalho que se desenvolviam no YouTube Brasil a partir de 2012, também apresentou a hipótese de que a criação de vídeos para a referida plataforma digital é uma atividade relacionada ao contexto social da flexibilização nas relações de trabalho (Hertzog, 2019). Em sua análise, Hertzog assinala alguns eventos específicos na história dos trabalhadores no capitalismo que configuraram os costumes, as notações do tempo e relações com o espaço, e que encadearam os contornos do capitalismo contemporâneo (Braudel, 1985; Elias, 1997; Thompson, 2005 *in* Hertzog, 2019, p. 166-167), evidenciando que a plataformização também é uma decorrência dos processos de transformações no trabalho que já estavam em curso na radicalização da exploração do trabalho, como a apropriação do trabalho informal e a intensificação da flexibilização. Ele menciona, também, como o controle sobre o trabalho se desloca de um biopoder disciplinador dos corpos (Foucault, 1979), para um psicopoder (Han, 2020), ou seja, o controle é transferido da figura do empregador para um controle da mente, onde os trabalhadores passam a controlar a si mesmos (Hertzog, 2019, p. 268). Se antes a exploração dos trabalhadores se dava pelo sofrimento físico das longas jornadas impostas pelo empregador, agora o trabalhador na perspectiva de “empresários de si mesmo”, não separa mais o tempo nem os espaços de trabalho e não-trabalho. Tornando razoável trabalhar continuamente, sem horário nem dias fixos de descanso.

Embora os autores que elaboraram análises sobre o trabalho digital apontem para essa nova forma de controle como um mecanismo de enfraquecimento da capacidade de resistência e organização desses trabalhadores, empregado aqui por Antunes (2020) e Han (2020), Hertzog (2019), chama a atenção para o fato de que “há um grande público cada vez mais interessado naquilo que os influenciadores digitais têm a dizer e isso implica que sua força de mobilização não deve ser subestimada” (Hertzog, 2019, p. 271), a despeito da assimetria de forças entre os trabalhadores e essas corporações digitais.

Hertzog chama a atenção ainda, para o surgimento de um “fenômeno social singular na economia das plataformas digitais, provocado pela remuneração volátil e incerta” (Hertzog, 2019, p.19). Até então, o trabalho em outras plataformas digitais era sempre remunerado, mesmo que com um valor muito baixo. Mas a produção de vídeos para o YouTube não se converte necessariamente em algum tipo de rendimento, pois a remuneração é atrelada a outros fatores como engajamento, visualização e publicidade. Alguns canais

conseguem faturar bastante, principalmente através dos contratos de publicidade com as marcas parceiras da plataforma, mas a maioria dos trabalhadores enfrentam desafios de reconhecimento, remuneração e instabilidade. Hertzog também assinala a assimetria em relação à remuneração dos *youtubers* em diferentes países, configurando um sistema hierárquico entre países que afeta a remuneração pelo mesmo tipo de trabalho em diferentes contextos (Hertzog, 2019, p. 273). Ironicamente, essa assimetria salarial, há muito, é familiar entre as mulheres.

No YouTube, não há nenhum contrato formal de trabalho nem direitos trabalhistas. Os produtores de conteúdo apenas aceitam as regulamentações estabelecidas pela plataforma através dos seus “Termos de Serviço”¹¹, “Políticas de Privacidade”¹² e “Diretrizes da Comunidade”¹³, que desde sua criação têm passado por constantes alterações. A remuneração pelo trabalho depende da aderência de vastos públicos e passa pela ação dos algoritmos. Os canais estão sujeitos à desmonetização e ao cancelamento da conta se infringirem as políticas da plataforma, o que nem sempre acontece de forma transparente, visto que a empresa justifica que, por integrar outros sites, não possui controle sobre esses domínios. E o produtor de conteúdo pode trabalhar por longos períodos sem nenhum retorno financeiro, se não conseguir atingir as metas de monetização. Em fevereiro de 2022, o Brasil passou a reconhecer as atividades de Influenciador digital e Criador de conteúdo digital como profissões, sendo devidamente registradas na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)¹⁴. Apesar disso, a prestação desses serviços ainda não possui regulamentação específica por lei. E é nessa conjuntura que estão inseridas as donas de casa *youtubers* abordadas aqui. Num cenário onde tempo e ritmo de trabalho são intensificados pelas próprias trabalhadoras para atender às demandas algorítmicas que têm como imperativo a constância na produção de conteúdo para manter o engajamento necessário para alcançar a monetização. Assim como no trabalho da dona de casa, não há limites de horário nem delimitação entre espaço de trabalho e não trabalho. Elas realizam simultaneamente suas atividades domésticas enquanto gravam para o canal, como veremos a seguir.

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/static?gl=BR&template=terms&hl=pt>. Acesso em 22/04/ 2023.

¹² Disponível em https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/our-commitments/protecting-user-data/. Acesso em 22/04/2023.

¹³ Disponível em https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/policies/community-guidelines/. Acesso em 22/04/2023.

¹⁴ Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em 01/05/2024.

3.1 Donas de casa no YouTube

O dia está amanhecendo, a câmera muda o foco da imagem do sol nascendo no horizonte para os pés da dona de casa saindo da cama e tocando o chão. Logo em seguida, corta para a imagem dela preparando o café da manhã... e assim continua o vídeo e a rotina da dona de casa *youtuber*: lava a louça, cuida da roupa, limpa a casa, faz as compras, prepara a refeição, enquanto grava e conversa com suas seguidoras, compartilhando dicas e experiências. Logo mais tem que buscar o filho na escola, editar o vídeo, fazer publicidade para postar nos *stories* do Instagram... sempre gravando, gravando sua rotina de dona de casa, gravando sua vida. Essa é a rotina *online* de uma dona de casa *youtuber*. E quando está *offline*? Quando começa e quando termina o trabalho de uma dona de casa?

O trabalho de uma dona de casa, como já discutido no primeiro capítulo de maneira mais detida, não tem limites de horários. Começa quando ela acorda e termina quando vai dormir. Também não existem feriados, nem férias. A jornada de trabalho de uma dona de casa é contínua. E quando esse trabalho se conecta com o trabalho digital, aqui focalizado na produção de vídeos para o YouTube, que tem a autoexposição e a frequência nas postagens como pré-requisitos, essa carga de trabalho se amplifica, desafiando as fronteiras entre o público e o privado.

Com o propósito de alcançar o objetivo da pesquisa, analisei o conteúdo dos vídeos buscando identificar os temas que apontavam para as questões levantadas neste estudo. Para isso, busquei selecionar perfis variados de mulheres, usando como critérios de heterogeneidade a idade, a localização regional, a posição social, o estado civil, a orientação religiosa, a diversidade étnico-racial, e, no que tange à maternagem¹⁵, também foram incluídas mães “solo”. Porém, no que tange à faixa etária, não encontrei canais com mulheres entre os 50 e 60 anos. A média de idade ficou entre os 20 e 40 anos. Talvez essa ausência esteja relacionada ao fator geracional, pois embora a internet se apresente como um espaço democrático, no sentido de estar acessível aos mais variados públicos, a produção de vídeos

¹⁵ A maternidade e a maternagem são conceitos diferentes. A maternidade tem relação com o ato de gestar e parir uma criança, A maternagem está ligada ao ato de cuidar. O termo maternagem é utilizado principalmente em áreas como a Psicologia e a Enfermagem para designar o cuidado de mães ou outras(os) cuidadoras(es) com crianças sob sua responsabilidade. Eu optei por usar o termo, por entender que a maternagem se define como a prática cotidiana da maternidade.

exige algumas técnicas que apresentam uma maior complexidade para uma geração que assistiu ao advento da tecnologia digital mais tarde. Também busquei canais que compusessem famílias homoafetivas, mas não encontrei (encontrei nesse nicho um canal de um casal formado por homens, mas a pesquisa era dirigida às mulheres). Nesse caso, suponho que a ausência se deva ao fato de que nessas relações não esteja presente a divisão dos papéis de gênero, embora todas as mulheres, como grupo, sejam responsabilizadas por essas tarefas. Para responder a esse desafio, abordarei os temas que correspondem a cada um dos subtópicos abordados a seguir, trazendo também uma breve apresentação da história de vida dessas mulheres, buscando estabelecer uma conexão entre suas trajetórias individuais e como partes de um grupo, e trazer à tona informações que auxiliem na compreensão dos aspectos subjetivos dessas sujeitas em relação às temáticas analisadas.

3.2 Entre o trabalho remunerado e o trabalho não pago

Ao observar as relações que se estabelecem a partir da imbricação entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual, o primeiro desafio que se apresenta é identificar como se constituem as fronteiras entre o trabalho remunerado e o trabalho não pago. Uma vez que, com as interações proporcionadas pelas relações digitais, as fronteiras entre realidade e virtualidade têm sido cada vez mais suprimidas, é a partir desse espaço fronteiro que busco aqui analisar a dinâmica entre o trabalho e a vida pessoal, levando em conta que o tempo de exposição no YouTube não é equivalente ao tempo de vida, e que o conteúdo compartilhado é fragmentado e postado estrategicamente.

3.2.1 MARI GIL

O primeiro canal analisado é o da dona de casa e *youtuber* Mari Gil. Ela tem 35 anos, é casada, mãe de dois filhos, e mora em Rio das Ostras - RJ (durante o período que transcorreu essa pesquisa, Mari se mudou para Maricá - RJ e posteriormente para Gramado - RS, onde mora atualmente). Ela criou o canal @Maridocedelar em 26 de outubro de 2018 e, no momento de finalização desta dissertação, seu canal conta com 469 mil inscritos. Posta vídeos de segunda a sexta. Seu canal é um dos maiores da plataforma na categoria de vídeos sobre rotina doméstica. Também é uma das produtoras de conteúdo que concentra o maior número de contratos publicitários em parceria com as marcas e em cursos *online*. Como pode ser observado mais adiante no texto, na figura 1, Mari Gil é uma mulher que se encaixa nos padrões de beleza ditados pela mídia comercial. Ela é uma mulher branca, jovem, alta, magra, ou seja, apresenta o biotipo semelhante ao das modelos exibidas nas mídias de TV e revistas em suas campanhas publicitárias. A configuração de sua família também representa o modelo ideal burguês, e esses fatores certamente influenciam sua carreira na mídia digital. Em seus vídeos aborda o cuidado com o lar, frequentemente combinado com o discurso de empreendedorismo e empoderamento proporcionado pelo trabalho nas plataformas digitais:

[...] as funções de casa não acabam. Todo dia tem função diferente, mas gente, eu amo cuidar da minha casa. Eu já acordo motivada, me organizando para saber o que eu vou fazer hoje, como é que eu vou cuidar desse cantinho hoje, já pensando naquela sensação satisfatória no final do dia, casa organizadinha, cheirosa [...] graças a Deus gente, mesmo com muito trabalho, muitas responsabilidades e compromissos, eu tenho conseguido me organizar e não deixar o cuidado com a minha casa de lado, que é uma coisa que eu priorizo muito, a casa, as crianças, enfim, a família. Eu tenho me comprometido com outras tarefas, [...] deixa eu aproveitar e contar, eu estou dando aula. Sim gente, eu tenho ajudado pessoas a ingressar no marketing digital [...] e essa vontade de ajudar pessoas, de apoiar mulheres, isso é muito bom! Me traz uma satisfação pessoal muito grande. [...] posso deixar aqui o link do e-book, que está com o preço promocional, ele custava quando a gente lançou 79,90, sem essa aula que eu fiz, e eu consegui reduzir o preço para 49,90, e ainda coloquei essa aula, então o e-book está saindo totalmente de graça [...] você pode parcelar em até doze 12 vezes de 4,90... olha o investimento! (Trecho transcrito de vídeo publicado em 15/06/2023).

Mari Gil, assim como as demais *youtubers*, está sempre reafirmando sua gratidão pela possibilidade de poder obter um rendimento através da plataforma digital, ao mesmo tempo que cuida de sua casa. Visto que essa modalidade de trabalho se apresenta para elas como um recurso viável na busca por remuneração através de uma atividade que já é exercida cotidianamente, e de graça.

Essa possibilidade aberta a sujeitas anteriormente excluídos da atividade financeira (no contexto do trabalho doméstico não remunerado), embora se desdobre produzindo novos arranjos no mundo do trabalho, permanece apoiada na produção de mais valor que, conforme já mencionado anteriormente em Antunes (2018), emprega novos e velhos mecanismos de exploração, e também de autoexploração. O discurso de Mari Gil corrobora a afirmação de Antunes de que o trabalho mediado pela plataforma digital constrói uma falsa ideia de que a produtora de vídeo é uma “empresária de si mesma”, fazendo com que ela entre num processo de autoexploração, visto que, além de gravar para o canal enquanto realiza suas atividades domésticas, somado ao trabalho de edição dos vídeos, que conforme será mostrado mais adiante, é uma atividade que leva horas para ser realizada, ainda faz o trabalho de publicidade para os anunciantes. Em sua pesquisa sobre o trabalho no YouTube, Lucas Hertzog (2019) também aponta essa mudança no controle do trabalho diante da ação algorítmica. Ele comenta que:

O poder da figura do empregador, é transferido da atuação nos corpos, pelo controle disciplinar, para um regime de autocontrole da mente, pelo qual os próprios sujeitos passam a ser seus maiores vigilantes, sob o espectro das demandas algorítmicas (Hertzog, 2019, p. 158).

Tal argumento corrobora a análise de Antunes (2020), da utilização dos algoritmos como ferramenta de controle “onipresente” e “automático” de supervisão disciplinar dos trabalhadores pelo capitalismo de plataforma. E aqui, no caso das *youtubers* donas de casa, esse controle disciplinar sempre atuou através da mente. Visto que a dona de casa formalmente não tem patrão, mas está introjetada nas mulheres, a incumbência por essas tarefas. E, para muitas mulheres, o controle disciplinar se dá nas duas esferas, pois não é incomum que agressões contra a mulher seja justificada pelo marido agressor, como reação a um descumprimento das suas “responsabilidades domésticas”.

No início do canal, Mari Gil gravava apenas as tarefas domésticas. Os vídeos eram de faxina, preparação das refeições, dicas de limpeza e organização, e à medida que seu canal ia crescendo em número de seguidoras, as empresas de produtos ligados ao universo da dona de casa, como eletrodomésticos, produtos de limpeza, itens de decoração, produtos de beleza, enfim, produtos que já estavam direcionados na mídia tradicional para as mulheres e donas de casa, iam fechando “parcerias” com o seu canal para a divulgação dos seus produtos. O conceito de “parceria”, que já foi apresentado e problematizado anteriormente, dissimula as relações assimétricas de poder entre criadores e empregadores. A plataforma se apresenta como mediadora e as marcas como parceiras, mas são essas empresas que detêm o controle

sobre o gerenciamento, a distribuição e a definição dos valores pagos pelos serviços prestados. E como afirmou Antunes (2020), há uma potencialização dos geradores de valor, visto que nessa nova dimensão do mundo do trabalho há uma ampliação dos espaços de atuação dos anunciantes geridos por tecnologias, algoritmos e inteligência artificial canalizados para o lucro dessas empresas.

A reprodução do trabalho doméstico na mídia digital representa uma atividade sedimentada pela gratuidade, e como nos informou Silvia Federici (2019), o capitalismo se apropriou desse trabalho gratuito das mulheres para dar sustentação ao sistema capitalista. Ao analisarmos a dinâmica da produção de vídeos sobre a rotina doméstica das donas de casa e a relação de parceria com os anunciantes desses canais, também é possível constatar uma reapropriação do trabalho doméstico dessas mulheres através da plataforma digital, visto que a performance dessas donas de casa é amplamente utilizada pelo mercado publicitário para vender, além de seus produtos, a manutenção desse paradigma do trabalho doméstico como uma atividade feminizada e ocultada como função de trabalho, transformada em cuidado afetivo.

Em um outro vídeo publicado no canal, podemos observar essa dinâmica entre o trabalho remunerado e o trabalho não pago exercidos simultaneamente:

Figura 1: Vídeo do canal Mari Gil

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-eyI_Fat9mOo. Acesso em 16/07/2024.

Mari Gil começa a gravar o vídeo às 7h da manhã, quando inicia sua rotina doméstica preparando o café da manhã. Aos 02'50" do vídeo ela começa a falar com as seguidoras e vai relatando suas atividades. Deixa a filha na escola, em seguida leva sua mãe ao dentista. Passa numa loja para fazer uma compra e segue gravando e conversando com suas seguidoras. Aos 07'55" do vídeo, ela mostra que chegou em casa (ela chega às 14h20). Esquenta o almoço que preparou na noite anterior, e aos 10'39" do vídeo, ela começa a falar como está se sentindo sobrecarregada:

Gente, parei para falar com vocês, botei a comida no forno elétrico para esquentar... eu estou cansada. Cansada de ficar acumulando, por mais que a gente não queira, o corpo sente o cansaço físico. Eu tive que ficar até duas horas da manhã editando vídeo... é duro gente, é árduo. Mas tem que ser firme e persistente que vale a pena no final. (Trecho de vídeo publicado em 18/11/2021. Mari Gil, 35 anos).

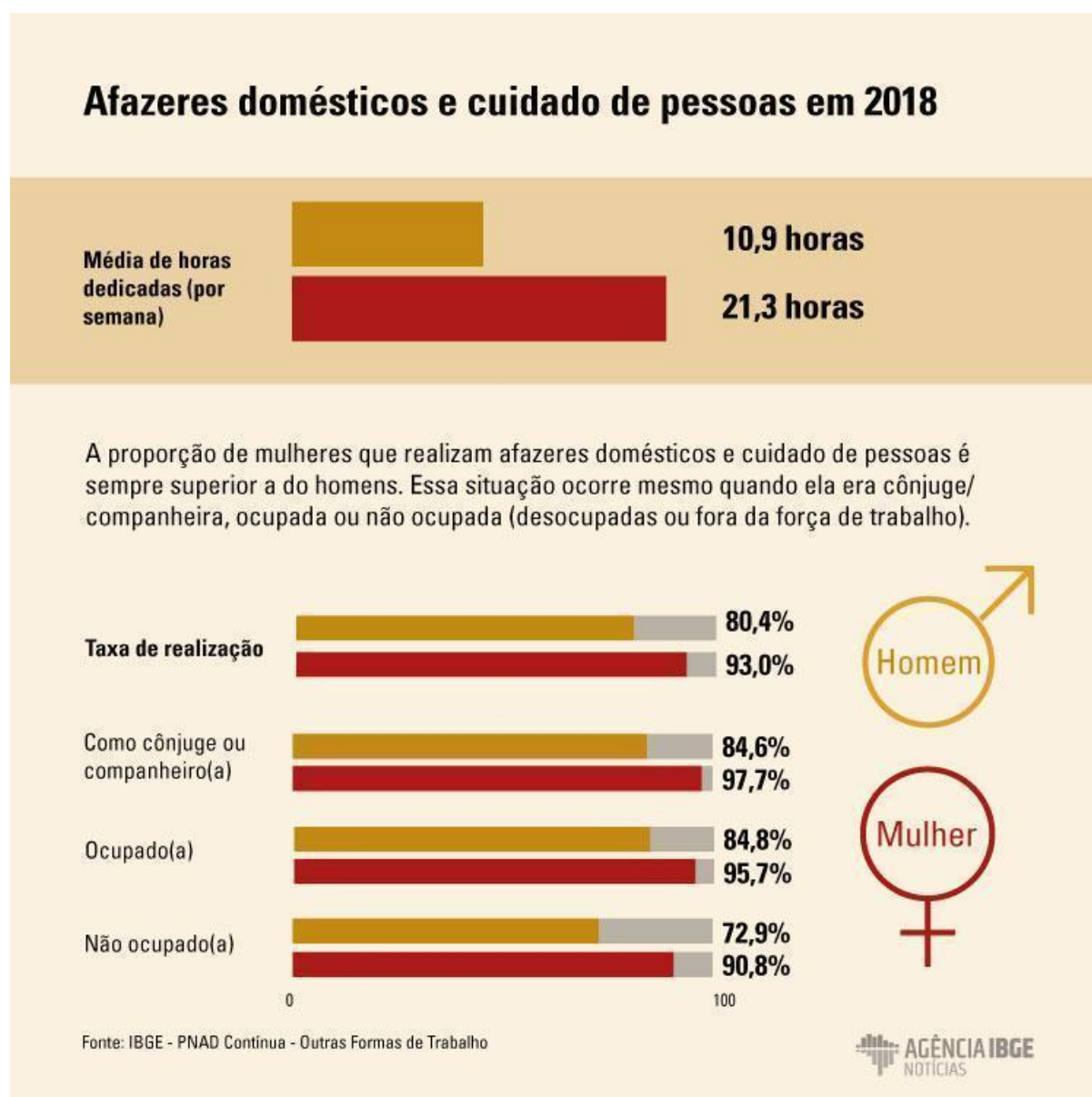
Ela segue mostrando uma caixa com utensílios de mesa posta, que recebeu de uma empresa, e começa a fazer a publicidade do produto. Arruma a mesa com os utensílios recebidos e serve o almoço para a família. Aos 23'05" do vídeo, Mari corta para o momento

em que retorna do descanso, “gente, eu dormi uma horinha porque precisava descansar”, logo em seguida retoma sua rotina doméstica e prepara um bolo de laranja enquanto faz a propaganda do espremedor de frutas. Logo depois, lava a louça, organiza as coisas, lava o chão e serve o bolo na mesa decorada com os guardanapos e jogo americano enviados pela marca.¹⁶

A rotina doméstica de Mari Gil retrata uma experiência comum às donas de casa. A atribuição de todas as tarefas domésticas e do cuidado com as crianças, com os idosos e as pessoas doentes (que aparece quando ela leva a mãe ao dentista) está ancorada na divisão sexual do trabalho, e justificada como se fosse fundada biologicamente, conforme destacado amplamente pela literatura mobilizada na pesquisa e apontado por dados quantitativos, conforme mostra uma pesquisa do IBGE, sobre o tempo dedicado por homens e mulheres na realização de afazeres domésticos, conforme mostrado na a tabela 1.

¹⁶Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-eyI_Fat9mOo acesso em 01/06/2023

Tabela 1: IBGE - PNAD



Disponível em

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedica-m-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>. Acesso em 16/07/2024.

Em seguida, no quadro 1, trago uma análise mais detalhada dos dados do canal:

Quadro 1 - Análise do canal @Maridocedelar

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	- www.youtube.com/@Maridocedelar -Inscreveu-se em 26 de outubro de 2018.
Tamanho do canal	-469 mil inscritos -1.982 vídeos -143.625.783 visualizações.
Vídeos mais populares	- Decoração 1,6 mi de visualizações; - Faxina 942 mil visualizações; - Tour pela casa 882 mil visualizações; - Vida pessoal 349 mil visualizações.
Periodicidade das postagens	- Vídeos de segunda a sexta
Redes sociais	- Instagram @mari_Docelar
Playlists criadas	Este canal não tem playlists.

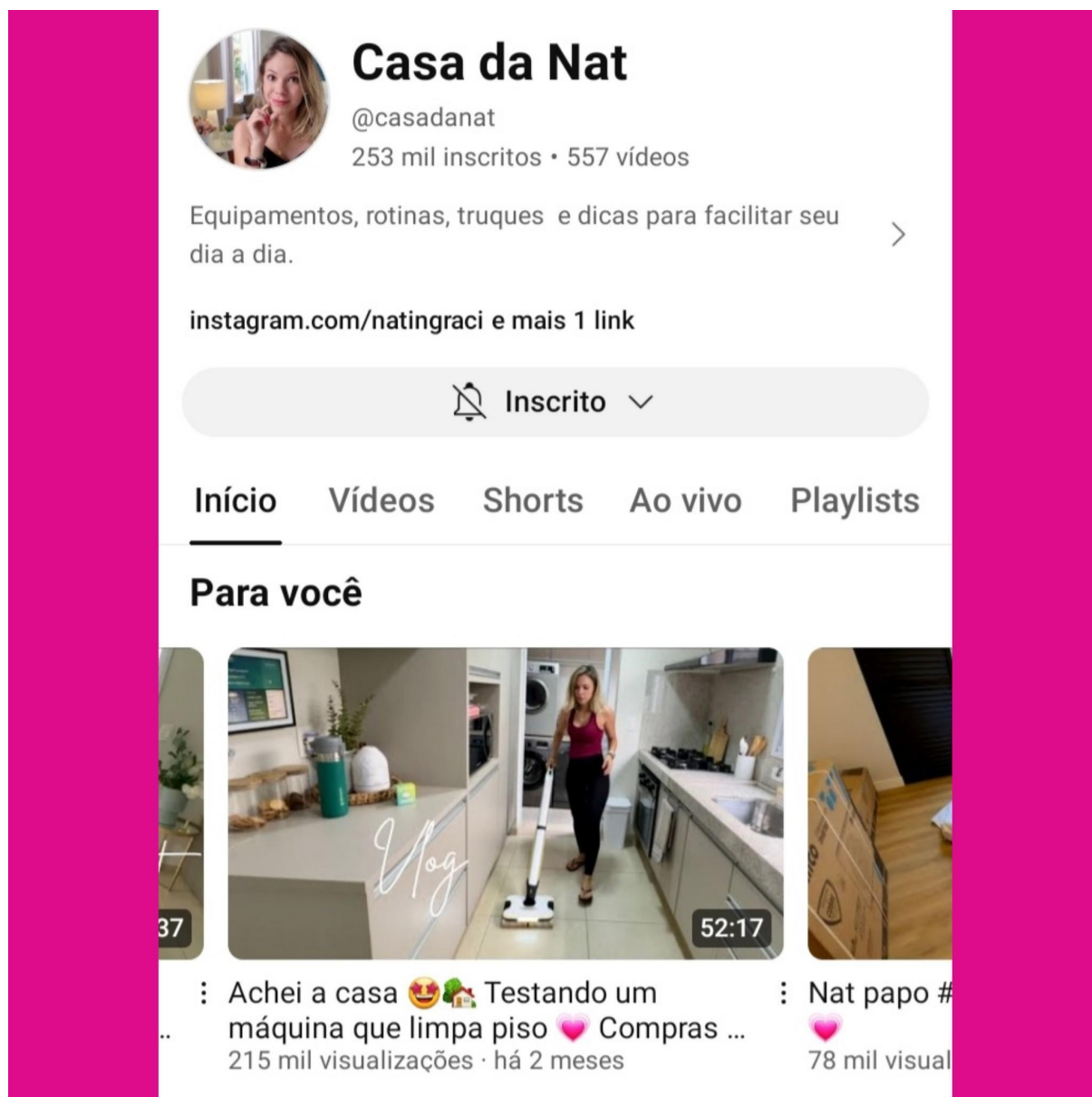
Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em <https://www.youtube.com/@Maridocedelar/featured> Acesso em: 27/07/2024.

Em sua obra, *Mulheres, Raça e Classe* (1981), Angela Davis, ao falar da obsolescência das tarefas domésticas como um advento, sugeriu a industrialização dessas atividades como uma alternativa para libertar as mulheres desse lugar de domesticidade. Ela argumentou que: “Equipes bem treinadas e bem pagas de trabalhadoras e trabalhadores, indo de casa em casa, operando máquinas de limpeza de alta tecnologia, poderiam realizar de forma rápida e eficiente o que a dona de casa faz de modo tão árduo e primitivo.” (Davis, 2016, p. 215).

A industrialização das tarefas domésticas, como aventada por Davis, não se estabeleceu nas sociedades capitalistas, pois como ela mesma inferiu, numa sociedade que baseia sua economia em iniciativas que geram lucro, a industrialização e socialização dessas tarefas não compõem a agenda pública da política institucional. No entanto, os aparelhos domésticos de alta tecnologia já estão disponíveis (para quem possa pagar), operando de forma rápida e eficiente, as atividades que antes demandavam muito tempo e esforço. Mas apesar do avanço técnico, essas tarefas continuam sendo associadas às mulheres e reafirmadas como atividades femininas pelo marketing digital. Essa dinâmica fica bem evidente, por exemplo, nos vídeos do próximo canal selecionado.

3.2.2 CASA DA NAT

Figura 2: Canal Casa da Nat



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5OZhQeHHlhE>. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 2 - análise do canal @ Casa da Nat

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	-www.youtube.com/@casadanat -Texto de apresentação do canal: “Equipamentos, rotinas, truques e dicas para facilitar seu dia a dia. Cuidar da casa é fácil! Por uma rotina mais leve e feliz.” -Inscreveu-se em 18 de maio de 2010
Tamanho do Canal	- O canal possui 279 mil inscritos; - 650 videos postados; - 76. 618.150 mil visualizações.
Periodicidade das postagens	-Em média 3 vídeos por semana
Vídeos mais populares	-Tour pela casa - 583 mil visualizações; - Vida pessoal - 486 mil visualizações
Playlists criadas	- Casa nova; - Vlog narrado; - Comprinhas; - Viagem; - Limpeza; - Família; - Reforma; - Faxina; - Rotina de casa; - Receitas; - Vlog; - Organização; - Eletrônicos; - Produtos para casa; - Roupas e acessórios; - Natal; - Sozinha em casa.
Redes sociais	- instagram.com/natingraci - tiktok.com/@casadanat

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em <https://www.youtube.com/@casadanat> Acesso em 30/07/2023.

Natália Ingraci, dona do canal Casa da Nat, tem 39 anos, dois filhos (sendo que compartilha a guarda alternada das crianças com o pai, de quem se separou recentemente), e é arquiteta de formação. Ela mora em São José do Rio Preto - SP, num condomínio fechado, classificado pelo mercado imobiliário como padrão de classe média alta. E, como pode-se observar na figura 2, acima, Natália também apresenta um biotipo que corresponde aos padrões de beleza vigentes, sendo uma mulher loira, jovem e magra.

Dos canais selecionados para esta pesquisa, é o canal que agrega o maior número de contratos publicitários, podemos inferir que isso se dá justamente pelo conjunto de suas características, que atendem a um padrão eurocêntrico, que se colocaria como meta para muitas mulheres, donas de casa ou não. Quando começou a gravar para o canal, Nat ainda estava casada. Mas, mesmo depois de sua separação, o canal tem crescido bastante em números de seguidoras e tem aumentado também os contratos publicitários. Vale salientar que depois do fim do seu casamento ela está sempre repetindo o discurso de empreendedorismo feminino, de quão fortes são as mulheres e que, se foi possível para ela, qualquer uma de suas seguidoras também pode alcançar o sucesso e a autonomia financeira. Muitas vezes fazendo *lives* para incentivar suas seguidoras. Nat parece desconsiderar seus privilégios. E o seu discurso, assim como o de Mari Gil, se mostra bem alinhado com a uma cultura de gestão empreendedora.

Na descrição do canal (ver quadro 2), aparece o ano de sua inscrição na plataforma, em 2010, embora ela tenha criado o canal de rotina doméstica apenas em 2018. Ela também administra o canal OdCasa, que promove eletrodomésticos e produtos de decoração. Natália desenvolvia os projetos de arquitetura também através de um *site*, mas recentemente ela encerrou suas atividades como arquiteta para se dedicar somente ao seu canal de rotina doméstica, e afirma ser o trabalho com o qual ela se identifica mais e que lhe traz mais satisfação pessoal atualmente, e também, ganhos financeiros. Em todos os vídeos deste canal, há uma demonstração de um eletrodoméstico em atividade, de um lançamento de determinada marca.

Hoje tem novidade também, tem um robô aspirador novo que chegou [...] deixa eu mostrar outra coisa, ontem eu bati de *wf* naquele meu liquidificador invertido da *Black and Decker*, até vou deixar o link para vocês [...] e vou mostrar para vocês que chegou meu forno... gente, vocês não têm noção do que é esse forno da *Samsung* [...] É um forno inteligente que eu consegui para facilitar minha rotina, ele é acionado à distância por wi-fi [...] (Trecho de vídeo publicado em 25/01/2024. Natália Ingraci, 39 anos).

De acordo com Elisabete Mayumy Kobayashi (2018), desde as décadas de 1940 a 1960, com a consolidação da indústria nacional aqui no Brasil e de um mercado de bens de consumo, as donas de casa eram o alvo principal na constituição de um mercado de novos produtos voltados para o lar. Ao longo desses anos, pudemos observar o mercado publicitário através da mídia tradicional televisiva, continuando a associar as mulheres a esse lugar de dona de casa. E esse movimento continua sendo reproduzido na mídia digital.

Em suas falas, Natalia Ingraci sempre pontua que acredita que os equipamentos que tornam os serviços domésticos cada vez mais ágeis e práticos, e que certamente serão cada vez mais acessíveis às donas de casa de todas as camadas sociais. As donas de casa da denominada classe média no Brasil já têm acesso a esses equipamentos há algumas décadas, como cita Kobayashi (2018). E embora, realmente, tenha havido um crescimento do número de consumidoras desses produtos, possibilitado por medidas econômicas de incentivo ao consumo que facilitaram a aquisição desses equipamentos, principalmente a partir da década de 2010, grande parte das donas de casa continuam tendo apenas a vassoura e o rodo como instrumentos de limpeza, bem como, lavando as roupas da família manualmente, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2014 pelo IBGE.

Um dos motivos apontados para o investimento tardio em tecnologias para o trabalho doméstico no Brasil, tem sido a disponibilidade de mão de obra barata, fornecido pelas trabalhadoras domésticas. Todavia, embora as pesquisas mostrem uma diminuição no número de horas gastas nos afazeres domésticos com a utilização dos eletrodomésticos, o IBGE não aponta uma conexão conclusiva entre a redução do tempo de trabalho doméstico pela tecnologia. É indiscutível que a introdução dos eletrodomésticos facilita as atividades cotidianas de limpeza e preparação dos alimentos, mas sem necessariamente reduzir o tempo de trabalho das mulheres. Num estudo realizado pelas pesquisadoras Nadia Terezinha Covolan e Marília Gomes de Carvalho, sobre os usos do tempo considerando as tecnologias no espaço doméstico, chegou-se à seguinte conclusão:

Uma das mudanças significativas que encontramos, relacionada ao uso de eletrodomésticos e TIC, é a imbricação entre os tempos de trabalho profissional, de trabalho doméstico e de lazer. O acesso em tempo real à comunicação e informação proporcionadas pelas TIC, podem trazer uma sobrecarga de trabalho no lar, especialmente para as mulheres, que não se ‘desligam’ do trabalho profissional quando o encerram. Os dados revelam que está ocorrendo uma simultaneidade de atividades realizadas no espaço doméstico, ou seja, o uso do tempo no lar não é dedicado apenas ao trabalho doméstico e/ou do cuidado. Os eletrodomésticos permitem realizar trabalhos diferentes ao mesmo tempo, enquanto as TIC possibilitam realizar o trabalho profissional em casa além do trabalho de cuidado de

outrem. Há, portanto, uma imbricação dos tempos, tornando os limites entre os domínios público/privado/doméstico, cada vez mais nebulosos [...] (Covolan, 2015, p. 26, 47).

As deduções da pesquisa citada corroboram com o que tem sido analisado através da observação dos canais no que tange à imbricação entre as atividades domésticas e o trabalho digital. Ao analisar os vídeos desde a criação dos canais, é possível perceber que o conteúdo se estendeu para além da rotina doméstica propriamente dita, e todas as demais atividades da vida cotidiana passam a ser compartilhadas com suas seguidoras, incluindo desde atividades de lazer, como passeios e viagens até acontecimentos e momentos mais íntimos da vida pessoal, como ter o parto gravado e transmitido pelo canal ou uma separação conjugal explanada e discutida pelas seguidoras. Para manter o engajamento e para que o YouTube continue recomendando seus vídeos a novos públicos, as produtoras de conteúdo precisam se submeter à exposição pessoal, pois como frisou Herzog, “ A abertura da intimidade se torna um elemento vinculante da produção de valor” (Hertzog, 2019, p. 268). Com a produção contínua de vídeos, a fronteira entre o real e o virtual fica cada vez mais diluída. Tendo parte de suas vidas transmitidas pelo YouTube, como podemos observar nas figuras 3 e 4, numa exposição constante e trabalho incessante.

Na figura 3 podemos observar a imagem de um vídeo do canal Mari Gil, na ocasião de sua separação (o casamento foi reatado algumas semanas depois). Ela aparece com um semblante abatido e relata os motivos da separação, sempre reafirmando que não havia problemas no relacionamento entre o casal, mas que o afastamento se deu por interferência de outros familiares no casamento. Durante o período de sua separação, Mari buscou reforçar sua imagem de mulher independente e empreendedora, mas com a reconciliação, continuou a enfatizar no seu discurso, a parceria do casal e a importância da família. Dessa forma, a *youtuber* passa a imagem ideal para as campanhas publicitárias direcionadas ao público feminino, a de uma dona de casa dedicada ao lar e à família e, ao mesmo tempo, de uma mulher empreendedora e bem-sucedida em ambas as áreas.

Figura 3: Vídeo do canal Mari Gil



Separação | Meu relacionamento

112 mil visualizações · há 7 meses

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=w3PcySONhKk>. Acesso em 16/07/2024.

Figura 4: Vídeo do canal Letícia Veloso



**MEU PARTO NATURAL (CENAS FORTES :
E REAIS)**

1,2 mi de visualizações · há 1 ano

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I0ymvb63PpM&t=11s>. Acesso em 16/07/2024.

Na figura 4, podemos observar a exposição da intimidade, e, considerando que num contexto do trabalho formal, a ocasião do parto, bem como do período que o precede seja de liberação das atividades laborais, neste universo do trabalho virtual o tempo de vida e o tempo de trabalho se fundem. Na curiosidade do cotidiano alheio, Letícia Veloso fideliza suas espectadoras, expondo a vida privada até no momento do parto. Vale destacar, também, as imagens selecionadas para a capa do vídeo. O sorriso no rosto de Letícia Veloso, evidenciando sua realização como mãe, o marido ao seu lado, a família feliz. É também um cenário que remete à realização da mulher enquanto reprodutora. As imagens seguem o padrão apresentado em todos os vídeos do canal de Letícia Veloso¹⁷, que aqui faço uma alusão ao que na publicidade da mídia tradicional se convencionou a chamar de “família de comercial de margarina”, que remete ao *American way of life*, em toda sua perfeição. São imagens que compõem o paradigma da regulação das relações conservadoras, como a domesticidade feminina, a maternidade, o amor romântico, associado com a heteronormatividade.

¹⁷ O canal Letícia Veloso será analisado mais adiante no texto.

Contudo, a oportunidade que se apresenta com a emergência do YouTube como um novo espaço de trabalho trouxe a possibilidade para algumas dessas donas de casa, na esteira dos *digital influencers*, a perspectiva de ganhos financeiros consideráveis, gerando a ideia de que basta apenas ter um celular ligado à internet para obter uma renda. Mas assim como acontece no mercado de trabalho tradicional, nem todos os criadores de conteúdo conseguem alcançar os benefícios econômicos dos quais usufruem os grandes canais da plataforma digital. A desigualdade social também repercute no espaço de trabalho virtual. E, para além da relação desigual entre o que Antunes (2018) vai denominar de infoproletariado e as grandes corporações digitais, os contextos sociais que se impõem às mulheres variam e são vivenciados de maneiras diversificadas, refletindo também no universo laborativo das plataformas digitais.

3.3 Diferenças e posições desiguais entre as mulheres

Nesta sessão, eu pretendi analisar, dentre os canais selecionados, as mulheres que identifiquei como estando em posição de maior vulnerabilidade. Na articulação entre trabalho não remunerado e trabalho remunerado, a posição das mulheres também se estabelece na convergência entre gênero, raça e classe. E esses marcadores atuam de formas distintas na vida das mulheres, produzindo experiências variadas, mas que se traduzem em desvantagens (Biroli, 2017). Nas análises a seguir, a atribuição das responsabilidades, segundo uma perspectiva de gênero, e a distribuição do trabalho doméstico remunerado, predominantemente por raça, expõem essas formas cruzadas de desigualdades.

3.3.1 ALINE BAIANA

Aline (dona do canal @Aline Baiana), tem 35 anos, é casada, mãe de quatro filhos (na ocasião da postagem do vídeo representado na figura 5, Aline tinha três filhos). Mora em Salvador – BA. Além de dona de casa e *youtuber*, também exercia a função de trabalhadora doméstica, mas teve que abandonar esse trabalho com a chegada do quarto filho. Inscreveu-se em 7 de setembro de 2020. Até a finalização desta dissertação, seu canal tinha 33,5 mil inscritos.

Figura 5: Vídeo canal Aline Baiana



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CaFRgDaSn60>. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 3 - Análise do canal @Alinebaiana

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	Descrição e criação do canal - www.youtube.com/@alinebaiana_ -Texto de apresentação do canal: Sejam todos bem vindos! Olá amores! Meu nome é Aline e sou de Salvador, Bahia. Criei esse canal para mostrar um pouco da minha família, da minha casa e da minha rotina! Espero que gostem pois faço tudo com muito amor e carinho! Beijos!” -Inscreveu-se em 7 de setembro de 2020.
Tamanho do canal	-33,5 mil inscritos -397 videos -2.399.138 visualizações
Vídeos mais populares	-Preparo de refeições - 96 mil visualizações; -Tour pela casa - 91 mil visualizações; - Compras do mês - 20 mil visualizações; -Parto do filho - 31 mil visualizações.
Playlists criadas	-Almoço para datas especiais: Dia das mães, Natal; -Família;
Redes sociais	Instagram @alinebaiana_
Periodicidade das postagens	-Em média 3 vídeos por semana

Fonte:elaboração da autora a partir de informação disponível em

https://www.youtube.com/@alinebaiana_/about. Acesso em 29/07/2023.

Aline começa a gravar o vídeo às nove horas da noite, após chegar em casa depois de realizar suas atividades como trabalhadora doméstica. Ela prepara a comida para as crianças, começa a organizar as coisas e vai compartilhando com as seguidoras: “eu vou dar uma limpeza aqui na casa que eu preciso organizar que tá uma bagunça, tudo misturado. Então eu vou tá gravando para você, espero que vocês gostem do vídeo”. Aline segue trocando os

lençóis das camas, arrumando a sala, trocando cortinas, mantas e tapetes, e botando a roupa na máquina para lavar.

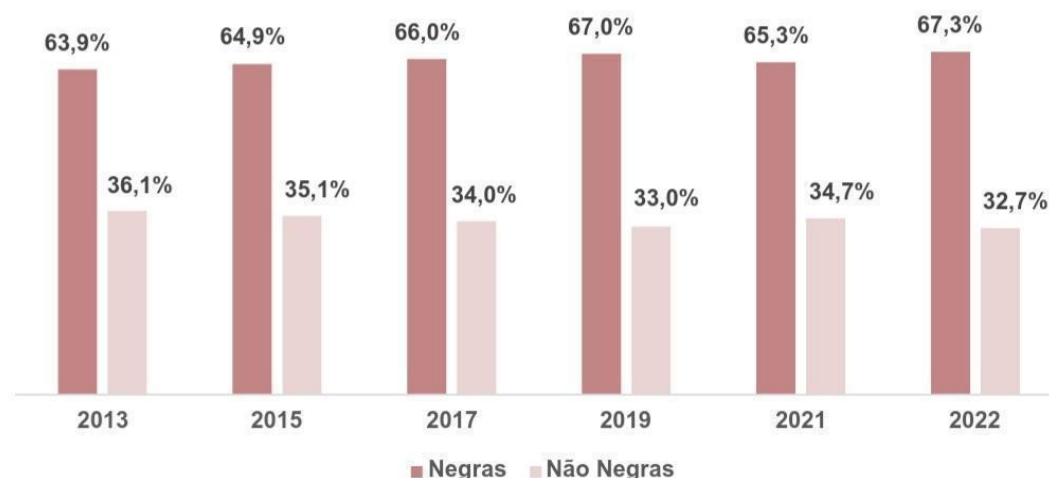
É inegável que a rotina de trabalho enfrentada por Aline traz uma carga excessiva de atividades. Mas é comum entre algumas *youtubers* acumularem tarefas para gerar conteúdo para o canal. Embora mostrem sua rotina cotidiana como donas de casa, o conteúdo produzido é previamente selecionado e postado estrategicamente. Neste caso, podemos observar que, o excesso de atividades, mostrado por imagens e pela fala, reforça o discurso da dificuldade da tripla jornada de trabalho e o cansaço que isso acarreta, gerando empatia nas seguidoras. Pois, para além da rotina de trabalho como donas de casa, que é mostrada no canal, este é também um trabalho de produção audiovisual, que visa alcançar visualizações e engajamento.

Aos 02'12" do vídeo ela relata a dificuldade de trabalhar fora tendo que deixar os filhos pequenos em casa, "[...] gente é uma luta viu, a gente que tem filho pequeno que precisa trabalhar, uma luta mesmo". Segue organizando a casa e gravando, e aos 04'28" do vídeo menciona novamente a dificuldade de ter que conciliar o trabalho fora de casa, como dona de casa e gravar para o YouTube: "Hoje eu tô aqui, eu começo a cara aqui ó, de cansada mesmo, hoje foi uma faxina arretada, de limpar vidro e lavar banheiro né... que são quatro banheiro, é grande lá, então hoje foi faxina pesada, ainda fazer almoço... mas graças a Deus eu dei conta viu... tem hora que eu vejo que é tanta coisa pra fazer que eu falo assim pra Deus, meu Deus será que vou dar conta?"¹⁸

Esse pequeno recorte do vídeo e da vida de Aline aponta para algumas reflexões propostas nesta pesquisa. Aline é uma mulher negra (em alguns dos seus vídeos ela se autoidentifica como mulher negra). A sua trajetória de vida é marcada pelos determinantes de raça, classe e gênero, pilares que estruturam as desigualdades no Brasil e que intervêm diretamente na sua história, pois, conforme o princípio dialético básico, "os homens e as mulheres fazem a sua história, mas não sob condições de sua própria escolha" (Costa, 1998, p 10). Se as mulheres, como afirmou Biroli, "são posicionadas como um grupo onerado pelo cotidiano do trabalho prestado gratuitamente" (Biroli, 2017, p.22), algumas delas podem dispor da força de trabalho de outras mulheres para realizar o trabalho doméstico. Quando se verifica a distribuição das trabalhadoras domésticas no Brasil, são as mulheres negras que aparecem em maior porcentagem:

¹⁸Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RGAWOD24R-g&t=45s> Acesso em 21/11/2022.

Tabela 2: Distribuição das trabalhadoras domésticas, por raça/cor no Brasil de 2013 a 2022 (no 4º trimestre de cada ano)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

Elaboração: DIEESE

Obs.: Negras(os) = Pretas(os) + Pardas(os); Não-Negras(os) = Brancas(os) + Amarelas(os) + Indígenas.

Fonte: DIEESE.¹⁹

Ao analisar esses dados, fica evidente que a profissão de Aline não é uma escolha aleatória, mas é determinada materialmente e imbricada por opressões constitutivas dos processos sociais que foram, e ainda são, impostos historicamente às mulheres, às mulheres pobres, às mulheres negras. Ao chegar em casa, depois de um dia de trabalho, ela continua sua jornada de atividades que são uma extensão do seu trabalho como trabalhadora doméstica. Pode-se também formular a frase na oração anterior inversamente, ou seja, as suas atividades como trabalhadora doméstica são uma extensão do seu trabalho como mãe e dona de casa.

O trabalho doméstico aqui se apresenta numa dinâmica de gênero que também é racializada. Pois o acesso a esse tipo de trabalho remunerado, não adquire o mesmo sentido que o acesso ao trabalho por mulheres brancas que puderam seguir carreiras profissionais, demonstrando que as diferenças entre as mulheres muitas vezes se definem em forma de privilégios e desvantagens, nas hierarquias que organizam o mundo do trabalho (Biroli, 2017). Aline em muitos de seus vídeos relata que sempre trabalhou, desde criança, em “casa de família”, e seguiu exercendo essa atividade até o ano de 2020, quando por ocasião da pandemia de *Covid-19* ficou desempregada. Foi também nesse período que Aline decidiu

¹⁹ Disponível em <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.html>. Acesso em 12/08/2023.

criar o canal como uma alternativa para obter uma renda, embora só tenha conseguido receber seu primeiro pagamento do YouTube 1 ano e 4 meses após a criação do canal.

Conforme já mencionado, a remuneração do trabalho no YouTube depende da aderência de um número considerável de seguidores e do número de horas produzidas no canal, o que faz com que os produtores de conteúdo dediquem muitas horas na produção de vídeos para o canal, o que nem sempre garante uma renda suficiente para a sobrevivência, pois a plataforma é gerenciada por algoritmos que controlam o sistema de recomendações dos canais a partir das interações dos usuários e seus padrões de navegação, o que gera uma concorrência que, como frisou Hertzog, os criadores “respondem aos sinais de vastos círculos sociais substantivamente maiores que dos trabalhadores em outros contextos” (Hertzog, 2019, p. 220).

De acordo com o banco de dados da plataforma, existem mais de 200 milhões de canais ativos e 500 horas de conteúdo são postadas a cada minuto. Neste cenário, os criadores de conteúdo estão sempre buscando adaptar suas práticas às demandas do algoritmo, colocando-se inteiramente disponíveis ao trabalho de produção dos vídeos, mesmo que nem sempre sejam remunerados por isso. E essa insegurança quanto aos ganhos, muitas vezes provoca muita ansiedade, visto que é necessária uma dedicação constante para conseguir manter a periodicidade.

3.3.2 LAR DA ANA

Gente, eu tirei um finalzinho aqui do vídeo para vir conversar aqui com vocês, para esclarecer algumas coisas que estão acontecendo e pedir mil desculpas pela ausência de vídeos [...] esses últimos meses as coisas estão difíceis [...] eu cuido aqui do meu *YouTube* sozinha, tanto para gravar quanto para editar, fazer capa, responder comentário... o *YouTube* é o meu ganha pão e eu também trabalho com uma loja de produtos de cabelo que eu divulgo lá no *Instagram*, então tem toda uma demanda por fora, aí acaba que é muita coisa, fora essa parte de trabalho também tem a casa, tem o filho, tem muitas outras coisas, aí acaba gente, que eu estou muito sobrecarregada e acaba que eu falho demais. Estou falhando muito, inclusive além do normal. Eu falho para entregar meus conteúdos, eu falho na hora de cuidar da casa, eu falho na hora de educar o filho, e aí eu fico me sentindo sobrecarregada e vira aquela bola de neve, que eu não quero fazer nada. Gente, se não fosse o Nicolas, tem dia que eu nem quero levantar da cama. Eu não sei se é um início de depressão... de manhã eu acordo e penso: “ai, não acredito que acordei” [...] mas eu estou me esforçando e vou me esforçar ainda mais [...] eu não posso e nem tenho o direito de desistir porque eu tenho o Nicolas para criar, eu tenho a casa para sustentar, eu tenho o aluguel para pagar... se eu não postar vídeo eu não tenho renda, o *YouTube* e o *Instagram* é a minha renda [sic]. Eu sou muito nova, eu sei que isso não é justificativa, mas eu só tenho 19 anos, e um filho de três, moro sozinha, tenho todas as contas da casa para pagar com um canal de quase 200.000 mil inscritos. (Trecho transcrito de vídeo publicado em 20/11/ 2023, Ana, 19 anos).

O desabafo acima é da Ana, do canal @Lar_da_Ana. Até a publicação deste vídeo o canal contava com 194 mil inscritos e 277 vídeos publicados. Ana tem 19 anos, tem um filho de 3 anos e mora em Umuarama - PR.

Figura 6: Vídeo do canal Lar da Ana



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gallpyLSUIY&t=7s>. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 4 - Análise do canal @Lar da Ana

Aspecto	Dados
Descrição e criação do Canal	-www.youtube.com/@LardaAna -Texto de apresentação do canal: “Oioiii gente! Sou a Ana uma jovem sonhadora de 19 anos! Moro no noroeste do Paraná. Sonho em dar uma vida boa para meu filho que tem 2 anos e se chama Nicollas. Venha fazer parte da minha rotina te espero com carinho.” -Inscreveu-se em 7 de junho de 2020.
Tamanho do canal	-212 mil inscritos -350 vídeos -26.130.537 visualizações
Periodicidade das postagens	-Em média 1 vídeo por semana
Vídeos mais populares	-Tour pela casa - 2,6 mil visualizações -Vídeo de faxina - 473 mil visualizações -Vida pessoal - 170 mil visualizações
Playlists criadas	-Limpeza e organização; -Cuidados pessoais; -Compras do mês; -Receitas; -Faxina; -Recebidos do canal; -Mudanças; -Aniversário; -Viagens.
Redes Sociais	Instagram @lardaana_oficial

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em <https://www.youtube.com/@LardaAna>. Acesso em 03/08/2023.

Diferentemente de Aline, do canal Aline Baiana e de Lilian, do canal Lilian Mãe de Três (que será analisado em seguida), Ana não enfrenta em sua vivência, as opressões específicas de uma mulher racializada. Mas a sua trajetória também é marcada pelas definições de gênero. Ana engravidou e exerce a maternagem ainda adolescente, pois segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a gravidez na adolescência se caracteriza quando ocorre entre os 10 e 20 anos de idade. Após a separação do pai do seu filho²⁰, assumiu sozinha os cuidados com o filho. Dado que, de acordo com a organização familiar nuclear e a forma como é definida a responsabilidade pela criação dos filhos, é a mãe que, na maioria das vezes, assume essa tarefa em tempo integral.

No caso de Ana, se a gravidez na adolescência provocou um corte nos estudos e na profissionalização, a alternativa que se apresentou com a criação do canal no YouTube tem lhe proporcionado ganhos financeiros. Ela conseguiu mudar, da casa em condições insalubres onde morava quando iniciou o canal, para uma casa confortável. Também pôde dispensar o trabalho de faxineira numa igreja onde prestava esse serviço (uma igreja evangélica onde ela congrega). Apesar da melhora no padrão de vida proporcionado pelo seu trabalho digital, ela segue sobrecarregada com o trabalho doméstico, com a maternidade solo e com as demandas do mercado digital. Pois, conforme concluiu Biroli (2017), a posição de desvantagem da maioria das mulheres permanece apesar da sua inserção no mercado de trabalho. A opressão apenas se atualiza nos novos padrões de organização do trabalho.

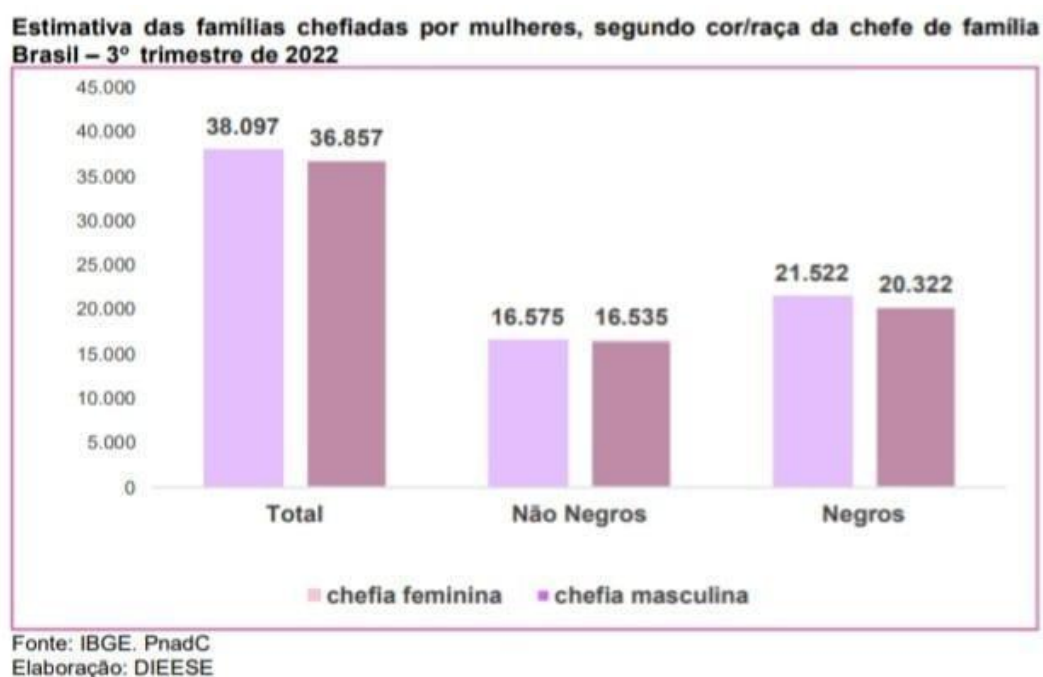
No entanto, as mulheres são atravessadas por marcadores que lhes conferem obstáculos e privilégios. Ana, diferentemente das outras donas de casa abordadas aqui, mostra a casa sempre bagunçada, louças na pia, brinquedos e roupas espalhadas... e, apesar de ela aproveitar para fazer faxina um dia na semana e gerar conteúdo para o canal, bem como podemos observar na figura 6, onde ela está lavando o sofá, seu discurso difere das demais aqui porque ela sempre comenta que não gosta de realizar as tarefas domésticas. Talvez seja por esse motivo que ela não tenha contratos publicitários com marcas de eletrodomésticos. Mas, conforme podemos observar ainda na imagem, apesar de aparecer abatida e com olheiras (figura 6), na maioria dos vídeos ela aparece sempre com os cabelos soltos, loiros e lisos. Ana é uma mulher jovem, da região Sul do Brasil, onde se concentra grande parte dos descendentes de europeus que têm suas características físicas como padrão de beleza universal. E os contratos publicitários dela estão exatamente entre as marcas de cosméticos, como produtos para os cabelos, roupas e maquiagens. Apesar dessa publicidade aparecer

²⁰ Na ocasião da finalização desta dissertação, Ana já havia reatado o casamento com o pai do seu filho.

pouco no canal, é no Instagram que ela divulga essas marcas diariamente. Afinal de contas, as mulheres são sempre um nicho de mercado altamente lucrativo, seja através de seus corpos ou de seu trabalho. Isso demonstra também a interligação das redes sociais para a promoção desse trabalho virtual.

As experiências das mulheres, observadas sob a perspectiva das desigualdades de classe, raça, região, entre outras, persistem em implicar maior vulnerabilidade para as mulheres negras, conforme demonstram os seguintes dados sobre renda e chefia familiar:

Tabela 3



Disponível em <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>. Acesso em 16/07/2024.

Como podemos observar na tabela 3, das famílias chefiadas por mulheres, o número é maior entre as mulheres negras do que entre as brancas. No entanto, a maior diferença entre os dois grupos está na renda. Apontando para a questão racial como um dado crucial para essa assimetria.

Tabela 4

Distribuição das mulheres chefes de famílias monoparental e com filhos, segundo cor/raça da mãe e faixa de renda familiar – Brasil – 3º trimestre 2022



Fonte: IBGE, PnadC
Elaboração: DIEESE

Disponível em <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>. Acesso em 16/07/2024.

Esses dados mostram que a vulnerabilidade relativa das mulheres não é vivenciada da mesma maneira. Mas se organizam de acordo com “a posição que elas ocupam em outros eixos nos quais se definem vantagens e desvantagens” (Biroli, 2019, p. 36). A posição na ocupação comprova que os arranjos mais vulneráveis são os da chefia feminina sem cônjuge, principalmente entre as famílias chefiadas por mulheres negras. E é a partir dessa posição que localizo a próxima dona de casa.

3.3.3 LILIAN MÃE DE 3 MENINOS

Lilian criou o canal em 2 de setembro de 2022. Seu primeiro vídeo relata a sua separação do marido (posteriormente ela excluiu esse vídeo do canal)²¹ e sua insegurança quanto às alternativas para o próprio sustento e o dos filhos. Na ocasião, a sua renda vinha de seu trabalho com cartonagem. No entanto, seu canal ganhou muitas seguidoras num curto intervalo de tempo e foi monetizado. O canal conta atualmente com 126 mil inscritos. Nesse ínterim, ela melhorou consideravelmente sua condição financeira quanto à alimentação,

²¹ No momento da finalização desta dissertação, Lilian já havia reatado seu casamento.

moradia e lazer. Lilian grava vídeos todos os dias e durante a noite faz o trabalho com cartonagem. Ela tem 37 anos e mora em Ribeirão Preto - SP. Assim como as demais *youtubers*, sempre comenta sobre sua gratidão pela oportunidade de ser remunerada trabalhando em casa e pelas conquistas que o trabalho com o Youtube vêm lhe proporcionando.

Como podemos observar abaixo, na figura 7, Lilian é uma mãe muito carinhosa e sempre procura oportunidades de proporcionar aos meninos, Lorenzo, Caíque e Samuel, o que ela não tinha condições de lhes dar antes do trabalho no YouTube, como brinquedos e passeios no shopping, parques de diversões, lanchonetes. Ela também traz no corpo alguns marcadores sociais que atuam sobre sua vida e também repercutem no ambiente virtual. Lilian é uma mulher preta, uma mulher gorda. E muitas vezes surgem comentários com teor gordofóbico em seus vídeos. Ela também costuma comentar que percebe o olhar discriminatório de algumas pessoas nos ambientes que, como frisei acima, ela não tinha a oportunidade de frequentar antes do canal. Também compartilhou no canal um episódio de racismo sofrido por um dos meninos na escola, quando um coleguinha cuspiu no seu rosto.

Compartilha a sua rotina, muitas vezes sobrecarregada com as tarefas domésticas, cuidados com os 3 filhos pequenos, com escola, idas ao médico quando eles adoecem, reuniões escolares etc.

As crianças estudam em três escolas diferentes [...] hoje tem reunião do Lorenzo e do Caíque no mesmo horário. Eu escolhi ir na reunião do Lorenzo. Mas eu fiquei muito triste porque eu deixei meu filho sozinho na escola e todas as mães estavam lá com os alunos. Eu precisei deixar ele lá sozinho como se fosse uma criancinha abandonada [Choro]. Mãe solo é isto, a gente tem que fazer escolhas. A gente não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. (Trecho transcrito do vídeo publicado em 7 de dezembro de 2023. Lilian, 37 anos).

Figura 7: Vídeo do canal Lilian mãe de 3 meninos



REALIZANDO SONHOS 🥹



Lilian mãe de 3 meninos · 28 mil visualizações · há 1 mês

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_WfZ9VvjFJU&t=1s. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 5 - Análise do canal @Lilian mãe de 3 meninos

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	-www.youtube.com/@lilianmaede3meninos -Texto de apresentação do canal: “Oi pessoas lindas! Nesse canal vocês vão ver muitas rotinas de dona de casa, mãe solo, maternidade, faxina e receitas deliciosas...e muito mas (sic). Peço que se escreva (sic) no canal para não perder nada...” -Inscreveu-se em 2 de setembro de 2022.
Tamanho do canal	-134 mil inscritos -670 vídeos -29.370.233 visualizações
Periodicidade das postagens	- Posta vídeos todos os dias.
Vídeos mais populares	-Vida pessoal - 1,4 mil visualizações -Tour pela casa - 145 mil visualizações - Vídeo de perguntas
Playlists criadas	- Faça você mesmo
Redes Sociais	-@lilianmaede3meninos

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em

<https://www.youtube.com/@lilianmaede3meninos/playlists> Acesso em 08/08/2023.

Apesar das conquistas obtidas através do seu trabalho no YouTube, Lilian sofre as tensões advindas da responsabilização desigual do trabalho envolvido no cuidado com os filhos. Apesar do pai dos seus filhos cumprir com a pensão alimentícia, é sobre ela que recaem todas as tarefas e responsabilidades cotidianas com a educação e cuidado com os filhos.

É muito difícil ser mãe solo, você tem que dar educação pro seu filho, cuidar do seu filho, cuidar da sua casa, cuidar do seu trabalho, tudo ao mesmo tempo... é muito difícil. (Trecho transcrito do vídeo publicado em 6 de janeiro de 2024. Lilian, 37 anos).

As tensões entre maternidade e trabalho remunerado se intensificam na maternagem solo. Apesar das mudanças nos arranjos familiares e da diversidade da realidade cotidiana das mulheres, ainda persiste um padrão desigual nas demandas que são atribuídas a elas. Por isso, o acesso ao trabalho remunerado não implica necessariamente numa autonomia, enquanto persistir essa assimetria, principalmente em determinados contextos socioeconômicos.

3.3.4 ALINE VIDA DE MÃE

Aline tem 34 anos, é natural de Pernambuco, mas veio com sua mãe para o estado de São Paulo ainda criança. Ela mora em Guarulhos - SP e seu canal está em atividade desde 2017. Apesar de possuir mais tempo na plataforma, não tem contratos de publicidade e raramente faz trabalhos de parceria, sua renda mensal vem apenas da monetização do YouTube.

Figura 8: Vídeo do canal Aline vida de Mãe



NOSSO NATAL 2022 - DECORAÇÃO DE ÚLTIMA HORA - TEVE PAPAI NOEL SU...

120 mil visualizações há 1 ano ...mais



Aline vida de Mãe 175 mil



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QcDLuVDrFmc&t=1064s>. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 6 - Análise do canal @Aline vida de Mãe

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	-www.youtube.com/c/AlineRodiguêsOfc -Texto de apresentação do canal: “Olá preciosas! Sejam muito bem vindas (os) ao canal. Me chamo Aline tenho 33 anos e venho compartilhar minha vida com vocês sendo mãe, dona de casa, mostro minhas rotinas, faxinas, comprinhas, vida real sendo mãe de 5. Inscrevam-se e venham fazer parte das minhas PRECIOSAS e PRECIOSOS aqui no canal.” -Inscreveu-se em 28 de dezembro de 2017.
Tamanho do canal	-184 mil inscritos -731 vídeos -35.288.240 visualizações
Periodicidade das postagens	-Em média 3 vídeos por semana
Vídeos mais populares	-Faxina - 507 mil visualizações -Preparo das refeições - 332 mil visualizações -Decoração - 301 mil visualizações -Vida pessoal - 258 mil visualizações
Playlists criadas	-Receitas; -Faxinas; -Vlogs; -Compras do mês; -Arrume-se comigo (spa day); -Dy e organizações.
Redes Sociais	-Instagram @aline_vidademae -TikTok @alinevidademae

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em

<https://www.youtube.com/c/AlineRodrigu%C3%AAsOfc/playlists> Acesso em 15/08/2023.

Aline é mãe de 5 filhos e está grávida do sexto (essa é a sua sétima gravidez, ela perdeu um filho ainda na gestação). Como é possível observar na figura 8, onde ela reúne todos os filhos por ocasião da comemoração do Natal, a mesa posta, a sala decorada e todos sorrindo posando para a foto, a imagem retrata também o ambiente cotidiano que ela costuma mostrar nos seus vídeos. Embora ela também compartilhe vídeos de faxina e algumas ocasiões de passeio com os filhos, a maioria de seus vídeos destacam a preparação das refeições simples do dia a dia, e ela reunida, principalmente com as meninas, visto que os meninos não moram mais com ela.

Tal como destacado no título do seu canal, a análise nesse caso será focada principalmente na maternidade. E nesse ponto eu gostaria de explicar a conexão entre maternidade e vulnerabilidade. A maneira como foi estabelecida a responsabilidade e o trabalho de cuidado na criação dos filhos, atribuindo majoritariamente às mulheres e liberando os homens (exigindo deles apenas o papel de provedor), a maternidade se constitui num aspecto de vulnerabilidade para as mulheres.

Ao apontar os elementos de ligação entre a maternidade e as desigualdades sociais, Biroli assinala o “peso desigual da parentalidade para mulheres e homens, nas demandas práticas e nos julgamentos dirigidos a umas e a outros quando desempenham o papel de mãe e de pai” (Biroli, 2017, p.111). Nesse aspecto, a análise da configuração familiar de Aline retrata bem o que é destacado por Biroli.

Dos cinco filhos de Aline, quatro moram com ela²². Sendo que ela divide a guarda compartilhada de um de seus filhos com a avó paterna. Após o término dos seus relacionamentos, assim como ocorre com a maioria das mulheres, Aline assume a educação, a maior parte das despesas e os cuidados em tempo integral dos filhos, recebendo como auxílio dos pais (ela divide a parentalidade dos filhos com quatro pais) apenas a pensão alimentícia e as visitas esporádicas. Compartilhando a maternagem de um deles, como já mencionado, com uma outra mulher. Muitas vezes aparecem nos comentários, questionamentos das seguidoras sobre o motivo de um dos filhos dela morar com a avó paterna. Ela sempre explica que era a avó que ficava com a criança na época em que ela trabalhava fora e que pela proximidade da escola, quando ela mudou de bairro, ele continuou morando com a avó. Ele passa os fins de semana e as férias escolares com a mãe.

Recentemente, ao anunciar a sétima gravidez (do sexto filho), Aline recebeu uma enxurrada de críticas de suas seguidoras, em sua maioria mulheres. É muito recorrente nos

²² Na ocasião da finalização dessa dissertação, o seu filho mais velho, Gabriel, então com 18 anos, saiu de casa para morar mais próximo de seu trabalho.

comentários ela receber críticas pelo número de filhos, mas no vídeo onde ela anuncia a gravidez, as críticas e as ofensas foram tão pesadas que o YouTube, seguindo as diretrizes da comunidade, desativou os comentários²³. É recorrente também, a desativação nos comentários dos vídeos do canal da Lilian quando surgem comentários de cunho racista, principalmente em relação aos seus filhos. Então, seguindo as suas diretrizes de proteção de menores, a plataforma desativa os comentários.

A maternidade não é algo que se traduza no âmbito da moralidade. É leviano discutir sobre as vivências das pessoas e suas relações afetivas e familiares, mas abordar as conformações do cuidado e do trabalho envolvido nele nos ajuda a compreender as implicações dos papéis sociais de gênero. As responsabilidades que as mulheres assumem no âmbito doméstico, não são escolhas voluntárias como se afigura. Se não compreendermos essa responsabilização desigual como um problema estrutural da divisão sexual do trabalho na sociedade patriarcal, desconsideramos que o universo das relações familiares é um espaço ambivalente, constituído por afeto, cuidado, e também pela exploração do trabalho (Biroli, 2017, p. 53, 91). E, para além das discrepâncias nas atribuições das responsabilidades, quando abordamos a maternidade, as complexidades são múltiplas porque o ideal de família nuclear burguesa nem sempre se traduz nas relações concretas. Esse padrão faz parte da vivência de algumas mulheres, mas não é universal.

3.4 “Amo ser dona de casa!”

A frase citada acima é repetida muitas vezes por Letícia Veloso, criadora do canal a seguir. Também poderia descrever o sentimento de Fernanda Cordioli, criadora do canal que sucede o de Letícia. Nesta parte do capítulo, quero destacar as *youtubers* que mais transmitem através de seus canais, e que reforçam em suas falas, uma realização pessoal através de seu papel como donas de casa. Buscando analisar como a exposição de sua rotina doméstica, através da plataforma digital, contribui para valorizar o trabalho realizado por uma dona de casa; analiso também, em que medida essas produções reforçam o padrão de domesticidade que é atribuído às mulheres.

²³Disponível em <https://support.google.com/youtube/answer/9706180?hl=pt-BR>. Acesso em 12/02/2024.

3.4.1 LETÍCIA VELOSO

Dona do canal com o maior número de seguidoras na categoria de rotina doméstica, Letícia Veloso tem 32 anos, é casada e mãe de dois filhos. Ela mora na cidade de Betim - MG, e também é evangélica. Seu canal tem 655 mil inscritos e até a finalização desta dissertação tinha 1 mil vídeos postados. Letícia apresenta o perfil da dona de casa, mãe e esposa idealizada na representação da figura feminina, que, como apontou Margareth Rago, para atender às exigências de uma nova sociedade, urbana e industrializada, no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, foi promovido como modelo normativo da mulher (Rago, 1985). Quase um século depois da promoção desse modelo da esposa-dona de-casa-mãe-de-família, período em que também transcorreram muitas lutas feministas para que as mulheres ocupassem os espaços públicos e não estivessem restritas ao ambiente doméstico, o acesso das mulheres brasileiras ao trabalho remunerado, à educação e até na participação política, se alterou significativamente. E apesar dos muitos desafios ainda a serem enfrentados em relação a desigualdade de gênero, atualmente a premissa é que “lugar de mulher é onde ela quiser”, inclusive de volta ao lar.

Quadro 7 - Análise do canal @Letícia Veloso

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	-www.youtube.com/@leticiaveloso -Texto de apresentação do canal: “Compartilho aqui vlogs da vida real como mãe, esposa e dona de casa. Aqui você encontra receitas, dicas e momentos com a família!” -Inscreveu-se em 18 de julho de 2017.
Tamanho do canal	-684 mil inscritos -1.117 vídeos -159.510.546 visualizações.
Periodicidade das postagens	-Em média 3 vídeos por semana
Vídeos mais populares	-Dicas de limpeza - 1,7 mil visualizações -Receitas - 1,3 mil visualizações -Vida pessoal - 1,2 mil visualizações -Limpeza e organização - 641 mil visualizações
Playlists criadas	-Faxina; -Compras do mês; -Receitas; -Vlogs; -Dicas úteis; -Viagens; -Tour pela casa; -Aniversário.
Redes Sociais	-Instagram @leticiavelosos

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em

<https://www.youtube.com/@LeticiaVelosos/playlists> Acesso em 21/08/2023.

Figura 9: Vídeo do canal Letícia Veloso



Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=b7UKGEV7n_4&t=6s. Acesso em 16/07/2024.

[...] é muito bom né gente ver o resultado do nosso trabalho. Então, a mesma coisa eu me sinto aqui a hora que eu limpo a minha casa, a hora que eu cozinho [...] gente, não é fácil a rotina da gente. Às vezes é puxada, o cansaço às vezes bate, mas é gratificante pra mim [...] é o que me faz feliz, cuidar do meu lar, cuidar da minha família, da minha casa [...] outro dia até me perguntaram: “Letícia, por que você não contrata alguém para limpar a sua casa?” Mas gente, é uma coisa que eu gosto de eu mesma cuidar [...] eu nasci pra isso, pra cuidar do meu lar, pra servir minha família. É uma coisa que eu gosto muito [...] eu me sinto realizada (Trecho transcrito de vídeo publicado em 28/03/2023. Letícia, 32 anos).

Aqui, tenho algumas considerações sobre a fala da Letícia Veloso. O trabalho doméstico, pode sim, ser muito gratificante e trazer realização, como qualquer outro tipo de trabalho. E não é a minha intenção aqui reproduzir o ultrapassado discurso de que a mulher tem uma aptidão natural para esse tipo de trabalho. A minha argumentação é no sentido de que os sujeitos históricos são constituídos através de processos de socialização reproduzidos culturalmente, e essas interações direcionam suas preferências, e, quando possível, suas escolhas. Nesse sentido, Federici argumenta:

Como se pode aceitar que construir uma cadeira é mais criativo do que criar uma criança? Por quê? Como se pode dizer que produzir a vida das novas gerações, educar, conversar, é menos criativo do que construir uma casa, uma cadeira, um brinquedo, um carro? (Silvia Federici em entrevista ao canal Opera Mundi em 22/12/2017).

O que ocorre, é uma desvalorização do trabalho doméstico, que conforme foi explanado anteriormente no texto, com o desenvolvimento do capitalismo, abre-se uma divisão do trabalho entre a produção e a reprodução, que é também uma divisão sexual do trabalho, onde a produção para o mercado se converte em trabalho assalariado, sobretudo para os homens, e o trabalho das mulheres, da reprodução da vida e da força de trabalho, é o trabalho não remunerado, não reconhecido como trabalho e naturalizado como competência da mulher. Entretanto, assim como no século passado, onde o estereótipo da mulher voltada exclusivamente para o lar, era mais frequente entre as classes dominantes, pois as mulheres das classes pobres também precisavam trabalhar fora para complementar a renda, atualmente, as mulheres das classes trabalhadoras não podem escolher serem apenas donas de casa, e a reprodução dessas atividades através da plataforma digital traz a possibilidade de remuneração. No entanto, o trabalho doméstico realizado por essas mulheres permanece sendo realizado gratuitamente.

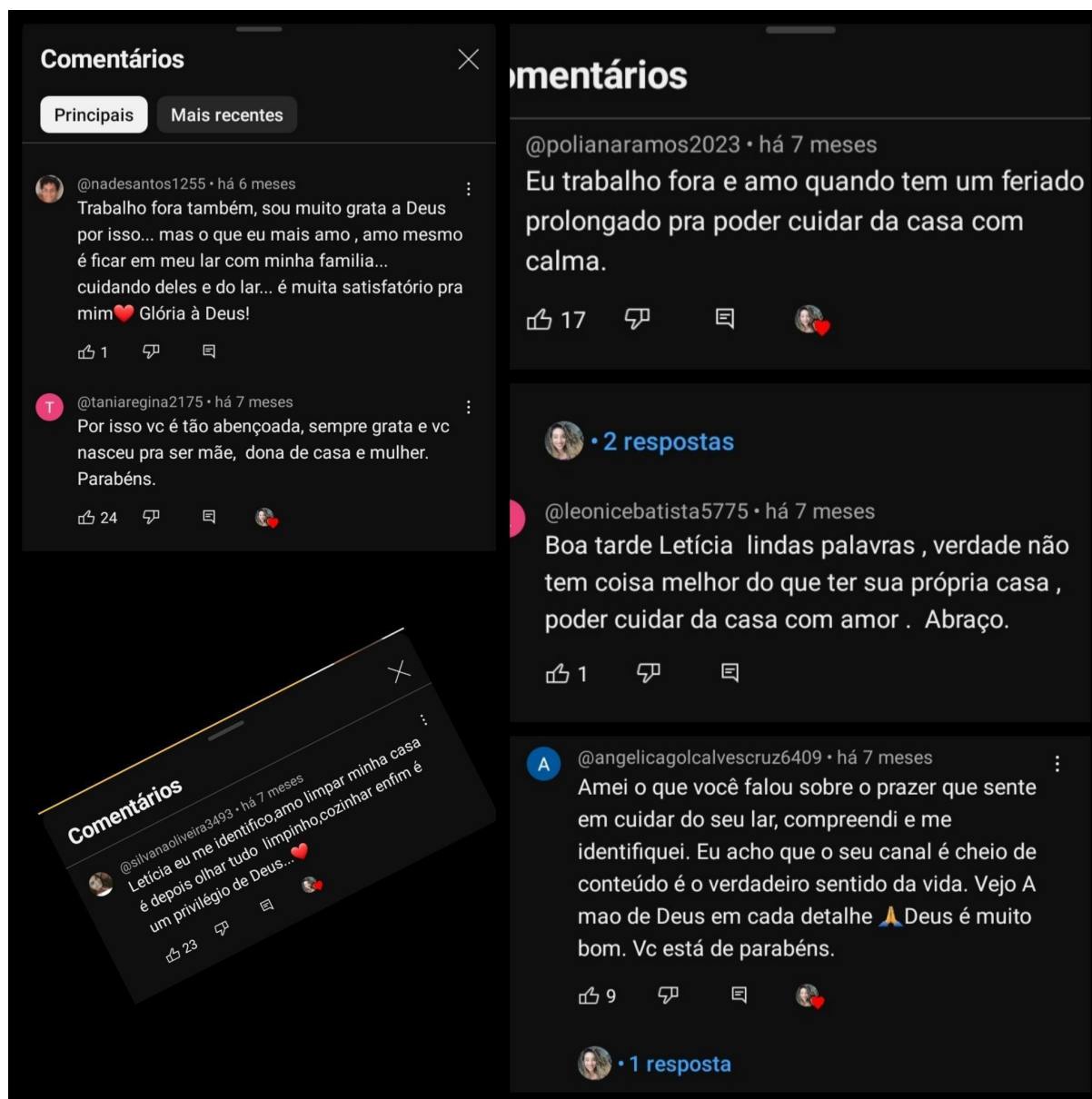
Além do trabalho exercido gratuitamente, estende-se a esta discussão o fato de que a representação do trabalho doméstico, através da mídia digital, reforça a naturalização do paradigma de domesticidade da mulher, exibindo reiteradamente o papel atribuído a elas como donas de casa. Pois como podemos observar na figura 9, é assim que sua casa sempre aparece nos vídeos, limpa, organizada, impecável. Sempre cuidando da casa e preparando as refeições para a família.

Não foi observado, por exemplo, no discurso dessas donas de casa, nenhum questionamento sobre a imposição desse papel às mulheres. Nas suas falas, estão sempre assumindo a responsabilidade por essas tarefas e reconhecendo esse lugar. E, neste ponto, gostaria de chamar a atenção para o papel da religião. Embora não repita no seu discurso, passagens da Bíblia que apontam para o papel da mulher no lar e na família, algo que é bem recorrente em canais de donas de casa (demais canais que não foram selecionados para esse estudo), Letícia parece sinalizar que prefere dar o seu testemunho da “mulher virtuosa”²⁴ descrita no livro bíblico de Provérbios, através do seu próprio exemplo no canal. Uma vez

²⁴ Provérbios: cap. 31, vers. 10-31.

que, grande parte de suas seguidoras também são evangélicas; isso também se reflete nos comentários das inscritas no canal.

Figura 10: Print de comentários de vídeo do canal Letícia Veloso



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7RA7Bx72jro&t=32s>. Acesso em 16/07/2024.

A construção do feminino passa pelas expectativas que se tem das responsabilidades que devem ser assumidas, e das tarefas que devem ser desempenhadas pelas mulheres. Chama a atenção, especialmente, o comentário acima que diz que Letícia “nasceu para ser mãe, dona de casa e mulher”, e que este, “é o verdadeiro sentido da vida”. Isso demonstra que as perspectivas que associam o trabalho doméstico e o cuidado à identidade feminina ainda permanecem arraigadas no ideário de muitas mulheres. E a religião cristã evangélica tem

desempenhado um papel fundamental em manter, e até mesmo resgatar, o modelo conservador da mulher como esposa-mãe-dona-de-casa. Suas seguidoras, também vão buscar inspiração na “dona de casa perfeita” que aparece no universo virtual, justificando, assim, suas vidas concretas.

Por outro lado, é possível também identificar, nos comentários, as falas de mulheres que trabalham fora, mas afirmam que gostam mesmo é de cuidar da casa. Isso remete à crítica de Federi (2017) de que o trabalho remunerado não necessariamente libertaria as mulheres da classe trabalhadora, bem como, a análise de Collins (2009) de que essa ideia de que o trabalho remunerado libertaria as mulheres era uma idealização baseada na experiência de mulheres brancas e não considerava as experiências de mulheres racializadas. Neste sentido, o trabalho doméstico pode assumir, dependendo da classe social em que a mulher está inserida, ora a condição de opressão, ora de privilégio (não obstante a generificação). E é seguindo nessa perspectiva que observo o canal a seguir.

3.4.2 FERNANDA CORDIOLLI

Figura 11: Vídeo do canal Fernanda Cordioli



COMO MANTER A CASA SEMPRE ORGANIZADA | Rotina da manhã & no...

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ImafIjEB7Bc>. Acesso em 16/07/2024.

Quadro 8 - Análise do canal de Fernanda Cordioli

Aspecto	Dados
Descrição e criação do canal	-www.youtube.com/@fernandacordioli -Texto de apresentação do canal: “Oiii, gente! Eu sou a Fer Meu intuito com o canal é incentivar e inspirar pessoas a cuidarem da sua casa com amor e capricho. Compartilho da minha vida como dona de casa, esposa e criadora de conteúdo ao mesmo tempo e espero poder te ajudar de alguma forma. Meus vídeos vão ao ar toda segunda, quarta e sexta às 12h. Sejam muito bem-vindos (as) ao meu canal!” -Inscreveu-se em 30 de setembro de 2011.
Tamanho do canal	-89,4 mil inscritos -491 vídeos -12.221.260 visualizações
Periodicidade das postagens	-Segundas, quartas e sextas
Vídeos mais populares	-Receitas - 177 mil visualizações -Tour pelo apartamento - 170 mil visualizações -Dicas - 135 mil visualizações
Playlists criadas	-Receitas; -Comprinhas; -Tour; -Resenha; -Vlog; -Organização; -Compras do mês; -Faxina; -Enxoval de casamento.
Redes Sociais	-Instagram.com/fer.cordioli

Fonte: elaboração da autora a partir dos dados disponíveis em

<https://www.youtube.com/@fernandacordioli/playlists> Acesso em 29/08/2023.

Fernanda Cordioli tem 27 anos, mora em Maringá - PR e, como ela mesma se apresenta, é dona de casa, esposa, católica, *youtuber* e mãe de anjo (Fernanda sofreu um aborto espontâneo). Como aparece na figura 11, ela arruma a cama, organiza os utensílios domésticos como toalhas, pratos, sempre dando dica a suas seguidoras de como manter tudo organizado. E algo que chama a atenção são as cores claras do ambiente. Móveis, objetos, e até as roupas que ela costuma usar são todas nos tons de branco e cinza, trazendo ao ambiente doméstico uma ideia de limpeza e a sensação de paz e tranquilidade.

Fernanda é uma jovem de classe média que, por escolha, decidiu ser dona de casa (e *youtuber*) depois do casamento. Ela também conta com a ajuda de uma trabalhadora doméstica, que apesar de não aparecer nos vídeos (algumas vezes ouve-se sua voz ao fundo nos vídeos), ela sempre comenta que a “dona Áurea” já trabalha para sua família há alguns anos.

Como apontou Birolli (2017), o trabalho doméstico não é realizado nas mesmas condições por todas as mulheres. E as diferentes condições entre as elas se traduzem, ainda seguindo a argumentação de Birolli, “na forma de privilégios e desvantagens”, e é por isso que a generalização das experiências de algumas as mulheres foi “denunciada como forma de tornar invisíveis as experiências de outras mulheres e as relações de poder que as diferenciam” (Birolli, 2017, p. 36). Mas, para além das diferenças e privilégios, é interessante também analisar o discurso e tentar entender como ele é construído e como se articula com outros eixos ideológicos.

Oi gente, começando mais um vídeo aqui no canal e no vídeo de hoje eu quero conversar com vocês sobre um assunto... na verdade, um questionamento que eu recebo com bastante frequência que é “como você faz para amar as tarefas de casa?” Eu compartilho com vocês a minha vida, então estou sempre falando sobre esse assunto, mas achei ele bem relevante de ser abordado de uma forma mais profunda [...] no vídeo da Vanessinha (uma outra *youtuber* que também grava sua rotina de dona de casa), ela explicou que para ela foi um processo para ela pensar como pensa hoje diante das tarefas de casa e do ato de servir a família dela [...] Eu confesso a vocês que eu não precisei necessariamente por esse processo. Isso é uma coisa natural minha. Eu sempre tive essa certeza dentro do meu coração [...] meu sonho sempre foi ser dona de casa, cuidar da minha família. Então isso é algo natural meu. [...] Meu marido trabalha fora de casa [...] para mim tem um valor inestimável saber que o meu marido vai chegar em casa e sentir toda essa paz de ter uma casa limpa, de ter uma casa organizada para viver com tranquilidade [...] o meu marido trabalha fora e ele é responsável por prover a nossa casa, a nossa família, as nossas contas. Eu também tenho o meu trabalho aqui na internet, mas a gente não depende dessa minha renda. Mas obviamente ela ajuda muito no final do mês. [...] e essa é a forma como a gente leva nossa vida aqui, como tem dado certo e como eu sei que tem inspirado várias pessoas a viverem dessa forma[...].” (Trecho transcrito de vídeo publicado em 01/01/2024. Fernanda, 27 anos).

Como já comentado anteriormente, um dado relevante que se observa na vivência dessas mulheres é a religião. Embora todas elas professem uma religião, majoritariamente

cristã, são as donas de casa que vivenciam sua fé de maneira mais ativa que expressam veementemente esse papel como “destino biológico” (Federici). Ressalta-se aqui o papel da religião cristã, que, como afirmou Lugones (2014), atuou como o instrumento mais poderoso na construção da normatividade que conectava gênero e civilização no processo de colonização.

Como já explanado, os nossos gostos e interesses não são escolhas aleatórias, são construções. Contudo, a desvalorização desse papel é tão problemática quanto sua idealização. Nesse sentido, inferiorizar o trabalho doméstico em relação a outras ocupações, é tratar a questão de maneira superficial e preconceituosa. A independência para muitas mulheres, não se resume à realização profissional, mas à autonomia financeira que todo e qualquer trabalho deveria proporcionar, inclusive o trabalho da dona de casa. Não é o trabalho doméstico como tal que é opressor, mas as relações sociais de exploração que o sustentam. Porque trabalho não remunerado é escravidão.

As donas de casa *youtubers* observadas nesta pesquisa sabem da importância do seu trabalho doméstico, individualmente, na família. Mas não demonstram ter consciência do seu papel social, como grupo, que atua como esteio da sociedade capitalista e que seu trabalho gera um subsídio para a economia. O trabalho doméstico não remunerado já foi contabilizado por economistas, ele gera mais de 10 trilhões de dólares não pagos às mulheres anualmente, o que representa 13% do PIB brasileiro²⁵. No YouTube, elas valorizam seu papel como donas de casa mais como um estilo de vida do que como um trabalho que deva ser remunerado. Se reconhecem como trabalhadoras enquanto criadoras de conteúdo, mas continuam a naturalizar seu trabalho doméstico como elemento constituinte de sua identidade feminina.

25

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2023-10/trabalho-domestico-nao-remunerado-aumentaria-em-13-o-pib-do-pais>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imbricação entre as atividades domésticas das donas de casa e a produção de conteúdo para a plataforma digital YouTube Brasil vem amplificando o trabalho dessas mulheres, visto que, com essas atividades sendo realizadas simultaneamente, as fronteiras entre o trabalho doméstico e o trabalho virtual se diluem, assim como também se fundem o tempo de trabalho e o tempo de vida, nessa dinâmica entre o real e o virtual. As atividades domésticas realizadas pelas donas de casa e a produção de vídeos para o YouTube se localizam numa zona cinzenta entre o trabalho e o não trabalho. Enquanto as atividades domésticas só são legitimadas como trabalho quando exercidas e reguladas fora da esfera familiar, por sua vez, a produção de conteúdo para a plataforma digital só se converte em trabalho remunerado se alcançar determinados requisitos, como visualizações e engajamento. Ambas as atividades só são valoradas em determinados contextos.

A expansão das plataformas digitais como novos espaços de trabalho resultaram em novos campos de geração de mais valor, extinguindo os limites entre tempo de trabalho e de não trabalho, bem como do local de trabalho e de não trabalho. A ideia de empreendedorismo propagada por algumas produtoras de conteúdo, na verdade, se revela como uma forma de trabalho assalariada. Com as produtoras de conteúdo desenvolvendo uma jornada de trabalho *online* diária, sem nenhum contrato de trabalho formal, nem direitos trabalhistas. As produtoras apenas acatam as regulamentações estabelecidas pela plataforma. A produtora pode trabalhar por longos períodos sem nenhum retorno financeiro, na medida em que a remuneração depende da aderência de vastos públicos. No YouTube a remuneração é variável e incerta, e os canais estão sujeitos à desmonetização. As operações na plataforma são mediadas por inteligência artificial e os algoritmos são canalizados diretamente para o lucro das empresas, através do sistema de recomendação. É assim que se estabelecem as assimétricas relações de trabalho entre as produtoras de conteúdo, a plataforma digital e as empresas “parceiras”.

Essas relações de trabalho no YouTube estão inseridas no processo de “plataformização” do trabalho que diz respeito à crescente dependência das plataformas digitais para executar as atividades de trabalho, fenômeno também conhecido como “uberização” do trabalho, que emerge com a consolidação do “trabalho sob demanda” como um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho. Mas este processo não se estende apenas a entregadores e motoristas, mas afeta trabalhadores e trabalhadoras de diversos

setores, que, como foi tratado nesta pesquisa, também se articulam ao trabalho doméstico, reproduzindo desigualdades de gênero e desigualdades raciais.

Nesta articulação, entre trabalho doméstico e trabalho virtual, convergem alguns mecanismos de exploração do trabalho. A plataformização tem se caracterizado pela apropriação do trabalho informal. Por sua vez, as atividades realizadas pelas donas de casa, para além da informalidade, nem são consideradas trabalho. Um novo tipo de subordinação foi apontado nas análises do trabalho gerido por plataformas, que é a autoexploração dos trabalhadores travestidos de empresários de si mesmos. E o próprio termo “dona de casa” também carrega a ocultação dessa atividade como um trabalho não remunerado. Os estudiosos do trabalho também destacaram como antigas formas de organização da produção são reconfiguradas neste novo processo. Já o trabalho de reprodução das mulheres há muito também foi reconfigurado e invisibilizado enquanto trabalho.

Entretanto, a oportunidade que se apresenta a essas trabalhadoras, de serem remuneradas através de uma atividade anteriormente excluída da valoração econômica, no contexto do trabalho doméstico não remunerado, se constitui numa possibilidade de efetivação da autonomia financeira. Contudo, a desigualdade social também opera no espaço de trabalho virtual, e os marcadores sociais que atuam na vida das mulheres também se refletem na sua trajetória virtual. Por isso, quanto a essas mulheres, cujos canais foram analisados, cabe aqui olhar para elas mais uma vez, através de uma abordagem interseccional.

A carioca Mari Gil vem se destacando na plataforma desde os primeiros anos de criação do canal, possibilitando uma mudança no padrão de vida de sua família que pode ser observada através das sucessivas mudanças de casas mais simples para apartamentos na orla marítima e casas em condomínios fechados. O que faz com que Aline Baiana não tenha obtido ainda o mesmo sucesso com o canal, que Mari alcançou desde o começo? Seria sua casa simples localizada numa favela localizada na região Nordeste, que não atrai as marcas e nem um número maior de seguidoras? Seria a sua maneira desajeitada de se expressar, uma vez que não teve muitas oportunidades de estudos em seu passado como trabalhadora doméstica desde criança?

E a arquiteta Natália Ingraci, que cresceu tanto na plataforma que abandonou sua carreira de arquiteta para se dedicar apenas ao canal. Concentra o maior número de contratos publicitários mesmo não sendo o canal com maior número de seguidoras dos canais aqui analisados. Enquanto Aline, mãe solo de 6 filhos, não consegue contratos publicitários e vive uma vida com o orçamento apertado do YouTube. Quais fatores influenciam a vida dessas mulheres? A loira Nat teve acesso a uma formação acadêmica. Aline veio do Nordeste com

sua mãe e não teve a oportunidade de fazer uma faculdade. Antes do canal, enquanto Nat trabalhava como arquiteta, Aline trabalhava como faxineira numa companhia aérea em Guarulhos. A sua casa simples é bem diferente da casa da Nat arquiteta. É no canal que tem como cenário a casa da Nat que as marcas querem ser apresentadas.

Quanto à jovem mãe paranaense, Ana, seus contratos publicitários se concentram nas marcas de produtos de beleza. Também teve uma infância pobre no campo, se tornou mãe ainda adolescente e não teve muitas oportunidades de estudo. Lilian, mulher negra, mãe de três filhos, relata que chegou a iniciar alguns cursos na faculdade (administração, contabilidade e pedagogia), mas não conseguiu concluir nenhum deles. Teve um crescimento rápido na plataforma em número de seguidoras, mas não tem contratos publicitários com marcas de utensílios domésticos nem produtos de beleza.

A mineira Letícia Veloso agrega o maior número de seguidoras dos canais observados. Não tem formação universitária, mas se expressa muito bem em suas falas no canal e enquanto faz apresentações de produtos. Parece ter talento para a comunicação. Sua casa sempre limpa e organizada também certamente influencia marcas e seguidoras. A também paranaense Fernanda Cordioli, desde a criação do canal, já apresentou o seu confortável e amplo apartamento, diferentemente da maioria aqui (com exceção também da Nat Ingraci, quando ainda casada), que mostram a evolução de suas casas à medida que vão crescendo no canal e vão compartilhando suas conquistas. Formada em Psicologia, ela não atua como psicóloga e também se afastou da empresa de transportes da família, onde atuou como coordenadora de recursos humanos. Desde o seu casamento, Fernanda optou por manter um diário da vida de casada no YouTube, incentivando suas seguidoras a cuidarem de suas casas de maneira mais ativa.

São diferentes mulheres, atravessadas por diversos marcadores que atuam produzindo privilégios e desvantagens no decorrer de suas vidas, assim como em sua carreira no ambiente virtual. Apesar de o YouTube se apresentar como um espaço democrático, onde basta um celular com acesso à internet, as experiências aqui observadas apontam para determinantes estruturais que são condicionantes na trajetória dessas mulheres.

Investigar a realidade social a partir de um recorte segmentado, aqui delimitado por uma comunidade de “sujeitas” e seu ambiente simbólico, se constitui num desafio e requer reflexões para além do universo empírico analisado. As limitações da pesquisa também apontam para a necessidade de uma fundamentação teórico-metodológica mais ampla no que tange à temática do trabalho virtual. Ainda há uma baixa produção de trabalhos acadêmicos

em História que se debruçam sobre fontes digitais na pesquisa, as pesquisas mais adensadas sobre o tema fazem parte de estudos da Sociologia.

Algumas indagações foram despontando durante o estudo no que se refere ao impacto da produção de vídeos para a saúde mental dos criadores (as) de conteúdo, visto que têm que lidar com a insegurança, em relação aos ganhos, e com a pressão em manter-se numa constante atividade *online*. Surgem questionamentos também sobre as consequências da exposição na vida *offline*, já que a abertura da intimidade no *online* se constitui como uma ferramenta de trabalho.

Os mecanismos que geram mais valor na plataforma digital também são constituídos pela participação do público, ou seja, de seguidores e seguidoras, e os estudos sobre essa dinâmica também precisam ser perscrutados. À medida que houver um número mais expressivo de pesquisas sobre o trabalho nas plataformas digitais, essas e outras questões podem ser refletidas mais profundamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Jandaíra, 2019. Coleção Feminismos Plurais.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços da era digital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. (org.) **Uberização, trabalho e indústria 4.0**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? **Socialist Worker**. Tradução de Máira Mee Silva, setembro, 2013.
- BHATTACHARYA, Tithi. (org) **Teoria da reprodução social: Remapear a classe, centralizar a opressão**. Tradução: Juliana Penna. 1 edição. São Paulo: Elefante, 2023.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CALVETE, C. S. Tempo de trabalho nas plataformas digitais: o suprasumo do tempo do trabalhador. **Economia e Sociedade**, v. 32, 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ecos/a/PVhZ7CngmNCtst3DNQMCFJm/?lang=pt#> Acesso em 20/11/2023.
- CARDOSO, M. R. G. et. al. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n.43, p. 98-111, 2021.
- CARNEIRO, A. N.; LAITANO, B. G. YouTube como fonte histórica: uma proposta de metodologia. **Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS**, Porto Alegre, p. 239-245, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/38703529/YouTube_como_fonte_hist%C3%B3rica_uma_proposta_de_metodologia Acesso em 15/03/2023.
- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Tradução de Bruna Barros e Jess Oliveira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- COVOLAN, N. T.; CARVALHO, M. G. Tempo e tecnologia - o espaço doméstico sob a ótica das(dos) pesquisadoras(es) de gênero. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 11, n. 21, 2015. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2856> Acesso em 30/11/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, 2002. Tradução de Liane Schneider.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de Heci Regina Candiani.

DE ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos** [S. l.], vol. 3, n.8, 2001.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 5 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. 1 ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. 1 edição. São Paulo: Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2010.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**. Tradução de Natália Angyalossi Alfonso. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAN, Byung Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. 7 ed. Belo Horizonte: Âyinè, 2018.

COSTA, E. V. da. Novos públicos, novas políticas, novas histórias: do reducionismo econômico ao reducionismo cultural. **Anos 90**, UFRGS, n. 10, p. 7-22, dez 1998.

HERTZOG, Lucas. **Dá um like, se inscreve no canal e compartilha o vídeo**: um estudo sociológico sobre o trabalho e as novas tecnologias digitais no YouTube. 2019. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HOLANDA, Heloísa B. **Explosão Feminista**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JARDIM, D. S. Alexandra Kollontai: entre feminismo e socialismo. **Revista História e Luta de Classes**. vol 3, n.23, p. 57, 2017.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LÊNIN, Vladimir I. **O Socialismo e a emancipação da mulher**. Tradução de Fernando A. S. Araújo. 1 ed. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap01.ht>

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2013. Tradução de Rubens Enderle

MATTOS, Marcelo B. **A classe trabalhadora**: de Marx ao nosso tempo. São Paulo: Boitempo, 2019.

MIES, Maria. **Patriarcado e acumulação em escala mundial**: mulheres na divisão internacional do trabalho. 1 edição. São Paulo: Editora TIMO, 2022. Tradução Coletiva.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SCHNEIDER, G. (Org) **A revolução das mulheres**: emancipação feminina na Rússia soviética. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

TEIXEIRA, Juliana. **TRABALHO DOMÉSTICO**. 1 ed. São Paulo: Jandaíra, 2021. Coleção Feminismos Plurais.

THOMPSON, Edward P. **A Formação Da Classe Operária Inglesa**. Tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

VEIGA, Ana M. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, UDESC, v.12 n.29, p. 1-32, jan./abr. 2020.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres**: Rumo a uma teoria unitária. Tradução da Equipe de Tradução do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS): Camila Carduz Rocha [et al]. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

6. Sites consultados

YOUTUBE. Temos de Serviços. Disponível em

<https://www.youtube.com/t/terms?gl=BR>. Acesso em 15/03/2023.

YOUTUBE. Diretrizes da Comunidade. Disponível em

<https://www.youtube.com/howyoutubeworks/policies/community-guidelines/>. Acesso em 15/03/2022.

YOUTUBE. Programa de Parcerias. Disponível em

<https://support.google.com/youtube/topic/9223152>. Acesso em 15/03/2023.

YOUTUBE. Mari Gil. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=KEAoRH8Ccto&t=23s>. Acesso em 01/06/2023.

YOUTUBE. Mari Gil. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=-eyIFat9mOo&t=18s>. Acesso em 01/06/2023.

YOUTUBE. Aline Baiana. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=RGAWOD24R-g&t=789s>. Acesso em 21/11/2022.

YOUTUBE. Letícia Veloso. Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=b7UKGEV7n_4. Acesso em 28/03/2023.

YOUTUBE. Letícia Veloso. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=7RA7Bx72jro&t=32s>. Acesso em 01/11/2023.

YOUTUBE. Opera Mundi. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=XyG8wGXXTeE&t=329s>. Acesso em 13/11/2022.

YOUTUBE. Lilian mãe de 3 meninos. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=0LEuUpYBn4g> Acesso em 13/01/2023.

YOUTUBE. Lilian mãe de 3 meninos. Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=_WfZ9VvjFJU Acesso em 13/01/2023.

YOUTUBE. Lilian mãe de 3 meninos. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=nRLijNbADWc> Acesso em 16/01/2024.

YOUTUBE. Casa da Nat. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=siy6ZQ7CfSs&t=34s> Acesso em 26/02/2024.

YOUTUBE. Casa da Nat. Disponível em <https://www.youtube.com/@casadanat>.

Acesso em 27/02/2022.

YOUTUBE. Aline vida de Mãe. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=QcDLuVDrFmc&t=1015s>. Acesso em 22/12/2022.

YOUTUBE. Lar da Ana. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=gaILpyLSUIY>. Acesso em 20 /11/2023.

YOUTUBE. Lar da Ana. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=5EtXOW4Bzr8&t=33s> Acesso em 20/11/2023.

YOUTUBE. Fernanda Cordioli. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=I49pEYOgQlA>. Acesso em 22/04/2024.

Ministério do Trabalho e Emprego. Trabalho Doméstico (mte.gov.br). Acesso em 24/09/2024.

História de vida: tudo sobre o método de pesquisa e exemplos (viacarreira.com).

Acesso em 24/09/2024.